



A. V. P.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

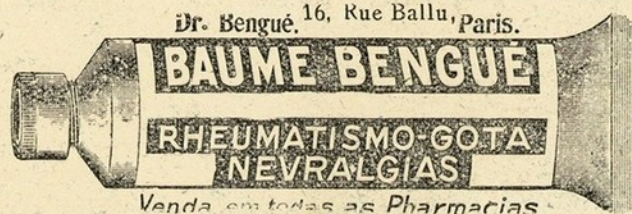
ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHA-ADJACENTES E HES-
PANHIA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.



INSTITUTO NACIONAL

DE

Ensino por correspondencia

LARGO TRINDADE COELHO, 6

LISBOA

CURSOS de escrituração por partidas simples e dobradas, Contabilidade, Correspondencia Commercial e prática de Comercio.

A duração dos cursos depende do tempo que o aluno puder dispensar ao estudo, sendo possível fazer qualquer deles em três meses, ou em menos tempo.

Não é necessario sair de casa nem prejudicar as occupa-
ções habituais. Resultados superiores aos que se obtem ge-
ralmente no ensino em classe. Matricula em qualquer dia do
ano. Diploma no fim dos cursos.

O I. N. de E. por Corresp., fundado em Janeiro de 1919,
tem alunos em todo o Continente, Ilhas, Colonias, Brasil, E.
U. da America e outros paises.

Peçam os prospectos, que são fornecidos gratuitamente
com todos os esclarecimentos para a matricula.

OURO, PRATA E JOIAS

Compram e vendem aos
melhores preços

Consultem sempre os nossos
preços

Peixoto, Malt & Pinheiro, Lda

Séde: Rua de S. Paulo, 31

Sucursal: R. de S. Paulo, 114

RELOGIOS DE PAREDE

Aos senhores Relojoeiro:

ACABAM de chegar da marca Soleil
e Radium. Despertadores de fantasia e Ba-
bys. Fournituras e ferramentas para relo-
joeiros, ourives e gravadores.

GRAND SORTIDO

COTRINS & AFONSO, Ltd.ª

Rua da Prata, 173 — Rua 51 de Janeiro, 145
LISBOA PORTO

Maquinas de escrever NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessorios
I. Anão & C.ª, Ltd. R. Fanqueiros.
376, 2. — Tel. 3536 N.



Quando AS CRENÇAS ANDAM MA-
GRAS. PALIDAS. ABATIDAS. SEMPRE
QUEIXOSAS e SE NÃO DESENVOLVE ou
AINDA QUANDO LHES APARECEM CA-
ROCOS NO PESCOÇO deve se-lhes dar
KLIDINA Evita se assim que ellas sucum-
bam ás consequencias

do ESCROFULOSO,
do RAQUITISMO,
do LINFATISMO.

KLIDINA

é um composto organico de Iodo ao qual
está associado glicerofostato de soda em
perfeita combinação.

Substitue o Oleo Fígados de Bacalhau
É um Xarope de sabor agradabilissimo

PEÇAM

Klidina

DAVITA. L. DA

81 Rua Eugenio Santos

LISBOA

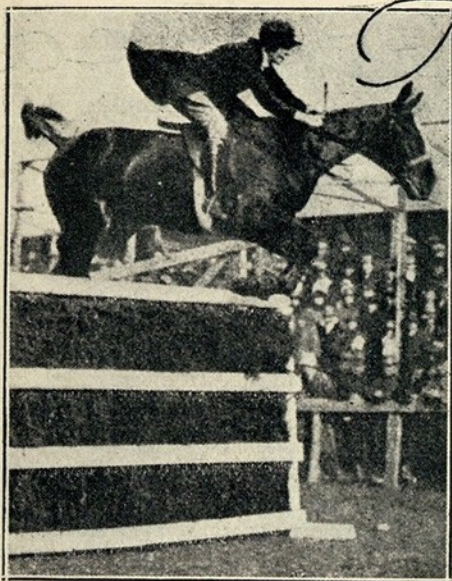
CASA RUBI

Telefone Central 3851

ILUMINAÇÃO, HIGIENE

E AQUECIMENTO

120 — R. RETROZEIROS — 122



“Todos os Sports”

A SELEÇÃO da Guarnição Militar de Madrid, batendo no ultimo domingo, o *onze* representativo da Guarnição Militar de Lisboa, ficou de posse definitiva da *Taça Capitan General de Madrid*.

O encontro realisou-se no enorme Estadio Metropolitano, da capital espanhola, tendo assistido cerca de trinta e cinco mil pessoas.

Na verdade, o desafio era de molde a agitar a *aficion* da Peninsula, da la a circunstancia, de no ano passado a *equipe* madrilena ter sido batida por 4 bolas a 2, no encontro realisado no estádio de Lisboa.

Desta vez os madrilens conseguiram uma brilhante desforra, vencendo o *onze* lisboeta por 5 bolas a 2.

Pelas noticias recebidas, até á hora a que escrevemos, parece-nos que o jogo não correspondeu ao resultado obtido, pois deve ter sido mais equilibrado.

Afirmam, mesmo, essas noticias, que os portuguezes dominaram durante toda a segunda parte, sem, contudo, conseguirem marcar.

A defesa da nossa linha trabalhou de tal forma, que arrebatou a assistencia — é sem duvida o ponto forte dos nossos grupos; se todos estes possuíssem um ataque tão homogéneo como as suas defesas, seríamos os primeiros entre os primeiros.

A seleção da Guarnição Militar de Lisboa portou-se condignamente, na tarde de 16 do corrente, jogando com acerto, entusiasmo e lealdade.

Assim nós a felicitamos sinceramente, se bem que o nosso desejo — como aliás o de todos os bons desportistas portuguezes — fôsse um pouco mais além.

—No campo do Sporting Club de Portugal efectuou, no passado domingo, a Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa, uma grande festa desportiva, cujo produto reverteu a favor da sua Caixa de Pensões.

Primeiramente, encontraram-se os dois *onzes* representativos do club dos inglezes de Carcavelos (cabo submarino) e dos jornalistas desportivos de Lisboa.

O desafio decorreu com grande entusiasmo, tanto por parte dos jogadores, como da assistencia, saindo, deles, victoriosos, os inglezes, por 4 bolas a 3.

O jogo agradou pela correcção com que os dois adversarios se portaram.

—O Casa Pia Atletico Club e o Belenenses Foot-Ball Club, alinharam, depois, para disputar a *Taça Presidente da Republica Teixeira Gomes*.

No grupo do Casa Pia notou-se a falta de Gomes, Antonio Pinho e Silvestre Rosmaninho, o primeiro por estar em Madrid, jogando pela Guarnição Militar de Lisboa e os outros dois por doenca.

No “Belenenses” não alinharam Azevedo, Almeida, Augusto Silva e Fernando Antonio, todos elementos da seleção da Guarnição Militar de Lisboa.

O jogo não agradou pela monotomia com que decorreu, muito fortemente reforçada pelo péssimo tempo que fez.

Duma maneira geral podemos dizer que o Casa Pia dominou durante toda a primeira parte, que terminou com o resultado 3-1 a favor daquele Club. As bolas do Casa Pia foram marcadas por Antonio Lopes, a primeira, António de Oliveira, a segunda, e Candido de Oliveira, a terceira.

A bola do Belenenses foi obra de José Ferreira.

Começada a segunda parte, o jogo equilibrou-se de principio, para depois deixar que o Belenenses dominasse, por completo o adversario, durante a ultima meia hora.

O Casa Pia marcou mais uma bola, por intermedio de Antonio de Oliveira, tendo Arsénio, ao tentar defende-la, executado um esplendido mergulho.

A segunda bola dos “Belenenses” foi enfiada nas redes do Casa Pia, por Joaquim Rio.

Do “Belenenses” salientaram-se Alberto Rio, José Ferreira e Joaquim Rio.

Do “Casa Pia”, os melhores foram: Pereira da Silva, Gômes dos Santos, Gralha e Candido de Oliveira.

Luiz Rebelo da Silva, do Sporting Club de Portugal, fez uma boa arbitragem, que apenas sofreu, por vezes, dum excesso e promenorisação.

Assistiu ao encontro o chefe de Estado, acompanhado dos srs. Helder Ribeiro, dr. Alvaro de Castro, Jaime Atias, Luiz Barreto e Florentino Martins.

A Camara Municipal de Lisboa estava representada pelos srs. dr. Alfredo Guisado e Alexandre Ferreira.

O sr. dr. Teixeira Gômes uma vez findo o encontro, fez entrega da taça disputada ao capitão do *onze* vencedor, felicitando-o pela victoria.

D. C.



Silva Poetica

AMOROSAS

Oh minha doce amorosa,
Vives tanto pelo amor,
Como a terra pelo sol
Que lhe dá luz e calor.

Pedi-te um beijo, só um,
Disseste logo a sorrir:
Quando te dêr o primeiro
Muitos mais has-de pedir

Ao dar-te o primeiro beijo,
Sentiste desfalecer
E caíste nos meus braços
Como se fosses morrer.

A sêde de dar-te beijos
Não a consigo apagar
Beijo-te e sinto ainda mais
Desejos de te beijar.

Mal acabo de beijar-te,
Aumenta esta sêde louca,
A minha boca tem logo
Saudades da tua boca.

A tua boca tão fresca,
E' fonte onde vou beber
Quanto mais bebo, mais quero
Mais sinto a sêde crescer.

— Qual dos meus beijos, disseste,
Foi o que mais te agradou?
— Meu amor foi o mais longo,
O que mais tempo durou...

Beija-me mais, ainda mais,
Beija-me e faz-me esquecer
Na doçura das teus beijos
A amargura de viver.

O amor dura um instante
Nesta vida passageira
Mas, nesse instante que dura,
Ilumina a vida inteira!

JOSÉ DA VEIGA.

QUADRAS SOLTAS

Tu não brinques com amor
Que ele queime como lume;
E o teu olhar uiz, de cór,
Amisade, amor, ciume...

Não dês ao teu amorsinho,
De todo, o teu coração...
Águas que tocam o moinho,
Nunca mais o tocarão!

Amar, mais que uma vez,
Não pode ser, é asneira:
Quem, pela segunda, o fez,
Não o fez bem da primeira.

O' águas tristes, correntes,
Não murmureis tanto assim...
Que as máguas que estão dormenes,
Podeis acordar em mim!

ANTONIO CANDIDO FERREIRA.

CANTIGAS...

« Em sonhos, não ha firmeza... »
disseste-me tu, suponho
Mas eu sonhei que te amava
E é bem firme este meu sonho!

Se o teu amor tem desejos
De já me dizer adeus
Fica lá com os meus beijos
Mas vem receber os teus...

Que importa que haja quem fale
Deste nosso amor profundo
Por mais que a gente se rale
Nunca tapa a boca ao mundo!

« Quem espera, sempre alcança... »
Toda a vida ouvi dizer...
Por isso inda tenho esper'ança
De te vir a pertencer.

Nunca quiz prisões d'amor
Que peor prisão, não ha
Quando a gente se crê livre
E' quando mais preso está!

Gostava de a um beijo teu
Provar-lhe bem o sabor
Porque nem mesmo no Ceu
Sonha delicia maior!...

ZÉPRIO

ROUXINOL

O' rouxinol dos valados!
Tu não conheces a dôr,
P'ra corações torturados
Tens sempre canções d'amor.

Que magia o teu trinado!
— Rouxinol da minha aldeia —
Quem te ouviu rica encantado
Como se ouvisse a « sereia ».

Teu viver é alegria
Feita de ternas canções;
O teu canto uma alegria,
Para alegrar corações.

Mas o teu divino canto,
Não me consegue alegrar;
Rouxinol não cantes tanto,
Deixa-me a dôr acalmar.

Rouxinol não cantes mais,
Não 'scarneças o meu pranto;
Se solto os meus tristes ais,
Faço emudecer teu canto.

CESAR AUGUSTO.

Mirandela—Abril de 1923.

Decorative flourish



No teatro primitivo, antes de cair o pano, vinha um dos actores, ás vezes o proprio autor, agradecer á audiéncia e dizer algumas palavras, á maneira de epilogo. Imitando esse costume, que tinha o seu quê de gracioso, peço licença para, também, antes de deixar cair o pano do esquecimento sobre o Inquerito do Lar, dizer da minha justiça.

Principiaréi por, estendendo mãos amigas a todos que me leem, agradecer; reconhecida, o interesse que dispensaram a este Inquerito, que aqui abri; depois, pedirei ás minhas leitoras que, relembando as respostas apparecidas, notem como motivos tão diferentes podem impelir a um mesmo acto.

Assim, a grande maioria das opiniões declarou-se pelo abandono do Lar conjugal; mas, quão diversos eram os sentimentos que inspiraram essa resolução! — umas, faziam-no para deixar ao marido amado a liberdade plena de ser feliz; outras, uma esperanza de despertar a saudade pela ausencia e, outras ainda, num ancio de represalia, decidiam fugir com outro. Toda a gama da nobreza, da ternura e da vingança mesquinha! Nas que resolviam ficar no Lar, apesar de tudo, a mesma diversidade de causas: umas, era na intenção de o atormentarem e, outras, para lhe atraírem de novo o amor, pela ternura e carinho!

Eu pertenco a estas ultimas, pois partilho a opinião ditada pelo Eremita: «Um abismo de amor atrae outro abismo de amor». Pelo menos, não perderia nada em tentar.

E, já agora, não terminemos a peça; que o pano se erga de novo para o segundo acto do drama pungente que se está representando:

O marido abandonou o lar conjugal; d'ali o anos, volta, desiludido, triste, doente.

E' perdoado? E' recebido? E' expulso de casa e do coração? Prossigamos na pesquisa minuciosa do coração feminino.

DUAS RECEITAS PARA RECHEIO DOCE

Recheio para pasteis: — Pica-se meudamente meio quilo de sebo de vaca, limpa-se e pisa-se o mesmo peso de passas e corintos, tirando-se os caroços e pés, cortam-se ás tiras 125 gramas de fruta cristalisada, descasca-se 1/2 quilo de maçãs, tira se-lhes o coração e cortam-se aos bocados, rala-se a casca e espreme-se o suco de dois limões para dentro de 1/2 quilo de assucar. Misturam-se bem todos estes ingredientes, juntando por cima duas colheres de sopa de doce de laranja e um calice de aguardente. Tapa-se e deixa-se repousar 12 horas, mexe-se outra vez muito bem, acrescenta-se 1/4 de colher de chá de canela e de nós moscada. Deita-se tudo para dentro de boiões limpos e secos, cobrindo-os com papel gomoso e guardam-se num sitio fresco e seco durante um mez. Só então está pronto o doce a ser servido.

Recheio de limão: — Descascam-se seis grandes maçãs, tiram-se-lhes os corações e cortam-se aos bocados. Cortam-se igualmente aos bocadinhos 250 gramas de sebo e, ás tiras, 50 gramas de limões cobertos. Limpam-se 1/2 quilo de passas e 250 gramas de corintos. Fervem-se 25 gramas de casca de limão até ficarem tenras, escorrem-se e passam-se por uma peneira. Juntam-se todos estes ingredientes e acrescentam-se 250 gramas de assucar e o sumo de dois limões gran-

des. D'ali por diante procede-se exactamente da mesma fórma que na receita anterior.

DE RASPÃO

Fazem-se agora produções perfectas das obras de arte celebres em... sabão! São pintadas á mão, em baixo relevo. Tão artisticos se estão tornando esses trabalhos, que chega a ser crime desfazelos em agua para as nossas lavagens. Breve, o sabão terá um lugar de destaque nos salões! Verdade é que, já ha muito tempo, o marmore deu entrada nas casas de banho em tinas e lavatorios. E' justo, pois, que o sabão agora penetre nas salas!

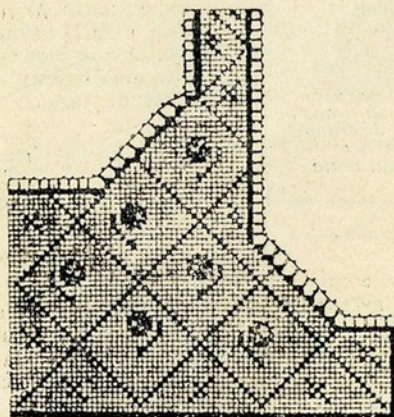
COMO CORTAR A FRANJA DE CABELLO

A franja emoldura bem o rosto das creanças e, por isso, quer esteja na moda quer não, as mães sensatas que preferem vêr as suas filhas bonitas a vê-las no requinte da moda, dão-lhe sempre grande preferéncia. Antes de se cortar, divide-se o cabelo ao meio e deixa-se cair de cada lado do rosto. Depois, puxa-se para a testa, com o pente, uma pequena porção de cabelo da frente, que se corta á altura dos sobr'olhos, aparandoa, para lhe dar a altura conveniente.

Ao pentear a franja, puxa-se esta para cima varias vezes antes de a alisar, a fim de a tornar fôfa e vaporosa.

UM BONITO ENCAIXE DE CAMISOLA

Este encaixe, de uma grande simplicidade, dá o maior realce á roupa branca. Faz-se com linha n.º 30 e agulha n.º 5. Começa-se com 231 pontos e volta-se com



4 pontos no ar, seguindo-se depois o desenho, que é de uma facilidade extrema. Para as costas faz-se uma ca-

deia de 462 pontos, principiando debaixo do braço e indo em direcção ao meio das costas e seguindo para o outro braço.

A SEMPRE UTIL OTOMANA

Todas as mulheres adoram a otomana. E' um movel imprescindivel para elas. E' o movel do sonho, do *far niente*, da leitura. O movel das horas boas e das horas más. Tirem-lhes toda a mobilia, elas assistirão impassiveis; mas, se lhes tocarmos na adorada otomana, haverá immediatamente o sobresalto da revolta.

Além de todas as outras vantagens, a peça de mobiliario tem ainda uma outra: é que, sendo muito dispendiosa, se a quizermos comprar, podemos arranja-la facilmente por um preço extremamente modico. Uns caixotes velhos que se acolchoam com lã ou crina, um revestimento de *cretonne* ou chita bonita e eis a otomana desejada.

Por vezes, em leilões, alcançam-se tambem por preços convidativos, outras, mais comodas, com molas; mas, nesse caso, é conveniente forra-las de novo para evitar qualquer contágio. Quando as molas estejam estragadas, desforra-se o movel para as pôr a descoberto, endireitam-se as que estão tortas e pregam-se no seu logar, por meio duma agulha grossa e de fio de cordel. Se alguma estiver quebrada, substitue-se por outra nova, pregando-a no seu logar de maneira a ficar bem segura.

Para pôr um novo fórrô, tira-se primeiro o antigo, removendo cuidadosamente todas as taxas e substituindo-as por preguinhos de cabeça dourada. As orlas de *cretonne* ficam escondidas por um cordão grosso ou um galão, formando um laço grande no exterior da cabeceira.

UM ABAFO RAPIDAMENTE EXECUTADO

Quando, depois de uma doença, se entra em convalescença, ha pouca força e ainda menos paciencia para fazer *toilette*. E', pois, bem recebida pelas senhoras qualquer ideia que permita embeleza-las sem grande esforço nessa ocasião. Para esse fim, lembro um abafó simples, pratico e de facilissima execução. Com uma lã branca, fina, e agulhas de bom tamanho, faz-se uma tira de 70 centímetros de largura e 2 me-

CALENDRARIO DA SEMANA

Março — 31 dias.

- 23 — Domingo — S. Felix.
- 24 — Segunda-feira — S. Marcos, S. Agapito.
- 25 — Terça-feira — An. de Maria.
- 26 — Quarta-feira — S. Ludgero.
- 27 — Quinta-feira — Sta. Doroteia.
- 28 — Sexta-feira — S. Roberto.
- 29 — Sabado — S. Teodosio.

tros de comprimento, em ponto largo de *crochet* ou *tricot*.

Em cada uma das extremidades da tira põe-se uma barra de ponto simples, diminuindo os pontos até formar um punho, por onde a mão passe facilmente.

COMO LAVAR A MALHA DE SEDA

A malha de seda dá lindas *toilettes*. Porém, muita gente evita usala, por não a saber lavar.

Não é difficil, mas necessita minuciosas precauções. Assim, para a lavagem, tem de se empregar uma solução de agua morna e de sabão absolutamente puro de todo o potassio e passar depois o artigo por agua pura na mesma temperatura da primeira. O tecido deve ser feito numa bola e bem apertado entre as mãos, para que a agua saia completamente. A fim de facilitar a seca, estende-se a malha entre dois lençoes turcos e pisa-se aos pés com força por alguns instantes, para que toda a humidade se evapore. A seguir, coloca-se o artigo sobre uma superficie lisa, dando-lhe cuidadosamente as suas fórmãs primitivas e peixando-o exposto a uma corrente de ar, a enxugar. Quando estiver quasi seco, passa-se-lhe por cima um ferro quente. Esta receita já foi experimentada varias vezes, sempre com muito exito.

INQUERITO DO LAR

Quando abri o inquerito que se encerra hoje, disse que respigaria, dentre as respostas que recebesse, os pensamentos julgados mais bonitos, para apparecerem aqui nesta secção assinados com os respectivos pseudónimos.

Hoje, pois, são as minhas leitoras que contribuem para a secção de

PENSAMENTOS

Consolar o sofrimento alheio faz melhorar o nosso.

Uma resignada

A vida compõe-se de sofrimento e sacrificio.

C. B.

A attitude mais nobre na Dôr é o silencio.

Clara

Para se conquistar um coração que já foi nosso, tudo se deve fazer.

Maria

Sex a-t-ira

Almoço

*Bolinhos de camarão
Bife á inglesa
Cacau*

Jantar

*Sopa de maizena
Brandade de bacalhau
com broculos á italiana
Carne de porco assada
Biscoitos de farinha
de arroz*

MENÚS DA SEMANA

Segunda-feira	Terça-f. ira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sabado
Almoço <i>Assorda á portugueza Alcatra ao natural Café ou chá</i>	Almoço <i>Pescada com molho de azelte Arroz de pato Café com leite</i>	Almoço <i>Salada de atum Carne cozida com azeitonas guisadas Cacau</i>	Almoço <i>Arroz de ameijoas Almondégas de fritura Café com leite</i>	Almoço <i>Cadaz frit, Borrachos com arroz Bolo podre</i>
Jantar <i>Sopa de almondégas Alfaxes recheiadas Vitela com molho de lfmão Aletria de ovos</i>	Jantar <i>Canja Sarda frita com molho de pimenta Pato córado com salada Argolinhas d'amendoa</i>	Jantar <i>Sopa de arroz Bacalhau em leite Assem com substancia Assopros</i>	Jantar <i>Puré de herbas Corvina au gratin Bofe de vitela de caldeirada Bolachinhas finas</i>	Jantar <i>Sopa de cebola Bofe de vitela de caldeirada Carne recheada Bomba á baunilha</i>



SEARA ALHEIA

— Que me dizes do tenor Rodriguez?
— Que está tão afónico que até perdeu a voz... de consciencia...

(De *Excelsior*, México.)



Ela — E eu que ambicionava casando, ter, pelo menos seis filhos!
Ele — E' que sempre tiveste mais olhos que barriga...

(De *Le Rire*, Paris.)



— Já sabe que a creadinha do 5.º andar morreu d'amor?
— O quê, sério?!
— Sério. O namorado, que é muito ciumento, matou-a com dois tiros...

(De *L'Euore*, Paris.)



Na vespera do Natal

O cread' do hotel — Esta gente, imaginará que eu sou o Menino Jesus?!

(De *Le Matin*, Paris.)



— Aqui tem cinco centimos. Agora veja lá se vae gas-al-os em vinho.
— Talvez queira que, com cinco centimos, vá tomar *whiskey*!...

(De *Bueno Humor*, Madrid.)



— E é esperto, o cão!...
— Se é esperto?! Basta dizer-lhe que conhece todas as lojas onde se vende caça. Metem-se-lhe cem mil marcos na boca, e, dez minutos depois, ele ali está com uma magnífica peça...

(Do *Lustige Blatter*, Berlim.)



— E' o sr. Pollus, farmacêutico de 1.ª classe, diplomado pela Faculdade, 1.º «grand prix» de Paris, 1903, medalha de honra de 1901, «hors concours» Bruxelas, 1905?

— Sim, senhor.
— Nesse caso queira vender-me dois soidos d'agua destilada.

(De «*Le Petit Parisien*», Paris.)



Valsa

UM CAPRICHÓ

Versão de
Soeiro da Costa

(Ao Ilustre e erudito professor do Conservatório, meu querido amigo João Matu Junior)

Musical score for piano, consisting of 11 systems of staves. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. Key markings include:

- accelerando* (twice)
- rall.* (twice)
- 1ª vez* and *2ª vez* (first and second endings)
- Fim* (End)
- f* (forte)
- p. delicato* (piano, delicate)
- rall. a tempo* (rallentando to tempo)

PERDIDAS



PELO inverno, a horas mortas, meia noite além, sinos que dão quartos compassadamente, árticas de sentinelas sonolentas, galos garganteando rouquinhos, quando o vento canta misteriosos, em algardas sinistras pelas avores desnudas, e faz bailar o gaz dos candieiros e a chuva tem raivadas de frio, a fustigar...—elas vagueiam ainda, duas a duas quasi sempre, tiritantes, aconchegando aos ombros os chailes rapados, na sua palidez cronica, as perdidas...

E a bater o dente, lá vão na sua faina, vasculhando recantos, vielas, esquinas, com as suas botórras cambadas, á cata dos noctambulos viciosos, sempre azoragadas pelo frio, cada vez mais macilentas, as faces chupadas, emagrecidas de rosas fanadas. E' assim, no inverno rudo que as açoita desalmadamente, vergastando-lhes as carnes e desgastando-lhes impiedoso os restos de beleza, que elas merecem melhor e mais justamente lhes calha, o epitete de perdidas.

Seria ironia estulta, a par de requintada crueldade, o chamar-lhes então, ás miserias noctivagas de rostos lividos e olhos pisados—que se vivem no vicio, não é porque ele seja o prazer, mas porque é o pão do dia que está para raiar—mulheres de vid'airada, Vid'airada, a pandega!

E são noites a vagabundear como animaes, á busca duma ceia incerta, debaixo das furias invernosas, por vielas lamacentas, o vento a chicotear ganindo endemoninhado, a frialdade arroxando faces e a entorpecer os membros—azilando-se altas horas, n'alguna baiuca lobrega, ao desmantelo...

Vida facil! Andar por'hi, trapo sujo, debaixo da repulsão de todos os olhares e bem distante p'ra não ser enxotada com nojo; tão miseraveis, que da sua desgraça não chega a apiedar-se ninguem; ser baixas como a lama; não ter de seu nem sequer o proprio corpo, que é de quem lho paga; ser revistadas como a carne para o açongue... Vida facil, isto! A cruel ironia de quem não pensa...

Pegado á minha rua, num beco de par-dieiros reles, no mais humilde, vive uma dessas desgraçadas. Tem um nome cantante de guerra.

E' a *Fidalga*. Passa todas as noite ás minha porta—alta, elegante, o rosto serio, no andar um não sei quê de senhoril. De-via ter sido muito formosa.

No rosto envelhecido, de faces palidas, cavadas, labios sem côr, cabelo precocemente branco—havia ainda traços de beleza. Os olhos então eram belissimos, dum negro profundo, animados, inteligentes. Um dia, atentando bem nela, li-lhe no olhar uma tal angustia, que adivinhei naquella mulher uma tragedia. Ia apostar, que naquele corpo miseravel e gasto, ainda existia a dôr do pensamento. E quem sabe? Talvez tambem houvesse coração.

E vae d'ahi, um dia interroguei-a:

—Como se chama?

Os seus olhos inteligentes fitaram-me um instante, desconfiados. Depois, vulgar:—Boa, talvez não saiba! Sou a *Fidalga*...

Procurei conquistar-lhe as boas graças, Fiz-lhe ver que me levava a inquirir da sua vida, uma curiosidade simpatica. Que tinha adivinhado nos seus olhos, uma historia de tristezas. E á sorte:

—Sei porque lhe chamama *Fidalga*. Porque o é talvez...

Olhou-me num espanto.

E depois duma hesitação:

—Pois vou contar-lhe a minha historia. Tenho a certeza que nunca ouviu outra mais triste. Aqui mesmo. A rua é, afinal, a minha casa.

E começou:

—Chamo-me Maria Luiza. O nome da minha familia, não lho digo. Nunca o disse. E não é porque eles o mereçam. Devia antes assoalhar-o. Era a minha vingança. Mas não digo, por mim propria. A *Fidalga* de hoje, respeita a Maria Luiza de ontem. Basta que saiba, que sou duma familia antiquissima e nobre. dum dos concelhos do Porto.

Não conheci minha mãe, que morreu ao dar-me á luz. Foi o meu mal, talvez. Cresci assim, com muita liberdade e muita independencia.

O meu pae, egoista, casmurro, rispido, só atento aos seus prazeres, nunca conseguiu conquistar a minha afeição.



Dos doze aos dezoito anos, estive internada num collegio, Foi a melhor epoca da minha vida. O meu coração, cheio de affecto, expandiu-se em amizades. E o mundo, comecei a idealiza-lo como o pequeno mundo do collegio, todo alegrias, bondades.

Aos dezoito anos a minha educação foi dada por completa e meu pae veio buscar-me, Trouxe e deixei muitas saudades.

Mas naquela idade não ha tristezas duradoiras. E depressa esqueci aquelas sinceras amizades, unicas da minha vida.

Meu pai era—como já lhe disse—muito egoista e muito dado ao prazer.

A nossa casa era quasi só frequentada por homens, que passavam o tempo em jantares ruidosos e infundáveis partidas de jogo. Claro, que os socios destas diversões, não podiam ser gente muito conveniente.

Com a minha vinda para casa, nada mudou. A minha innocencia, caiu pois no meio daquela sociedade depravada, como um lirio num charco de lama.

Era das visitas assiduas da casa um moço esbelto, insinuante, filho do Morgado ***

Envolvia-o a lenda dehomem fatal para as mulheres.

Requestou-me. A fama das suas suas conquistas, longe de atemorizar-me, atraiu-me.

Eu não tinha uma mãe, ninguem a quem consultasse.

Ameio-o. Ameio-o profundamente.

Com toda a minha ingenuidade, com todas as minhas illusões. E perdi-me. Mas a minha queda não foi um crime. Todas as mulheres que amam, caem facilmente como eu. Perdem-se muitas, que são profundamente honestas.

E' que tem a infelicidade de encontrar homens dervorsos. O que se atribue muitas vezes á leviandade das mulheres, deve-se apenas á maldade dos homens. Eu fui ludibriada por um infame.

O seu amor—e eu acreditava nele como na luz do sol!—evaporou-se apoz a posse. Começou adiar por motivos especiosos, o pedido de casamento. O tempo corria. E as nossas relações, por inconfidencia dele naturalmente, começaram a constar. Mas um mal maior veio coroar a minha infelicidade.

Um dia, percebi, com terror, que ia ser mãe. Rojei-me a seus pés e instei, chorei, para que remediasse de pronto o mal feito. Prometeu tudo.

«No dia seguinte—ainda sinto calafrios ao recordar-me daquele dia!—soube que tinha partido de sua casa de manhã, com o fim—deixou dito—duma longa viagem. Era a minha perdição sem remedio. E os dias passavam martirisantes, negros. Que fazer? Tomei uma resolução extrema. Fui ao pae e contei-lhe tudo. Ele, que tinha a responsabilidades na minha desgraça, explodiu na mais descompasada ira. Feriu-me com os mais sujos insultos. Chamou sobre mim a maldição dos seus maiores. E apontou-me, a escumar de raiva, a porta da casa, que não queria mais suja, por uma vil barregã.

Sahi nessa mesma tarde, com algumas roupas e as minhas joias — unica herança de minha mãe. Vim para Coimbra, ao acaso. Eu queria-me numa terra, onde fosse ignorada de todos. Chegada aqui, vendi as roupas dispensaveis e todas as joias. Aluguei e trastejei uma pequena casa. E procurei trabalhar. Uma excelente visinha que engomava e costurava um pouco, dividiu comigo os seus afaze-

res e os seus proventos. Eraum relativo bem-estar Mas a minha gravidez atingia ofim.

Tres mezes apoz a minha chegada aqui, tinha um filho. Apesar do encargo e prisão que ele me trazia, foi um raio de luz na densissima treva da minha vida. Vivia num arroubamento.

«Um sorriso do meu filho, apagava-me todas as tristezas. Gastei então, durante um ano, tudo o que das minhas vendas amealhara. Começaram as privações. E para cumular a desdita, o meu filhinho adoceceu. Estranhará não ter eu, durante todo este tempo, buscado fazer as pazes com meu pae. Não o fiz, mas não foi por orgulho. Alguem a quem pedi informações, mandou dizer-me que ele consumia os seus dias, num viver de crapula, perdularizando em orgias, o resto dos seus haveres e da sua saude. Assim, nada tinha a esperar dali. E o meu filho peorava e eu não tinha nada, nada. A minha visinha—e era uma miseravel como eu—auxiliava-me quanto podia. Mas eu já lhe devia muito e sabia que lhe escasseava trabalho. Contudo foi ainda a sua caridade, que uma tarde me trouxe a casa o medico. para o meu filho. Ele viu atentamente a creança e socegou-me. Que não era coisa fatal. Receitou uma poção e retirou-se, promovendo vir no dia seguinte: Fui á farmacia, levando o pouco dinheiro que tinha. Preguntei o preço do remedio. Era caro.

O que levava, não chegava para metade. Tinha sofrido muito, já. Mas era agora que começava o meu calvario. Sahi envergonhada, angustiada. Sentia uma raiva infinita contra tudo, contra todos. E, alucinada, comecei a correr ruas, á tôa. Cheguei a casa desvairada, ofeganje. E abraçando o meu filho, num desespero, chorei, chorei, chorei...

«Passou aquela noite, uma noite enorme, em que a todas as horas me parecia vê-lo morrer, o pequenino ser que estremecia. Logo de manhãzinha o medico voltou, como prometera. Examinou a creança com interesse, demoradamente. E num desgosto admirativo:

—E' extraordinario! Não está nada melhor. A senhora deu-lhe a poção?

Eu tremia toda, dos pés á cabeça. E respondi a tibatubar:

— Sim. : Não... Não consegui fazer-lhe tomar.

Olhou-me com ar sereno.

—Pois ia-o matando. Não são as minhas visitas que curava o doente. E' preciso que a tome.

Fez nova receita e saiu.

O que havia de eu fazer, meu Deus, o que havia de fazer?

De repente, lampejou-me uma idéa no cerebro. Chamei a visinha, pedi-lhe para velar um pouco o meu

filho e sahi. Ha tempos, um homem me perseguia na rua, com propostas desonestas. Soube da sua morada. Fui procural-o a casa e entreguei-me, a troco de não sei que quantia.

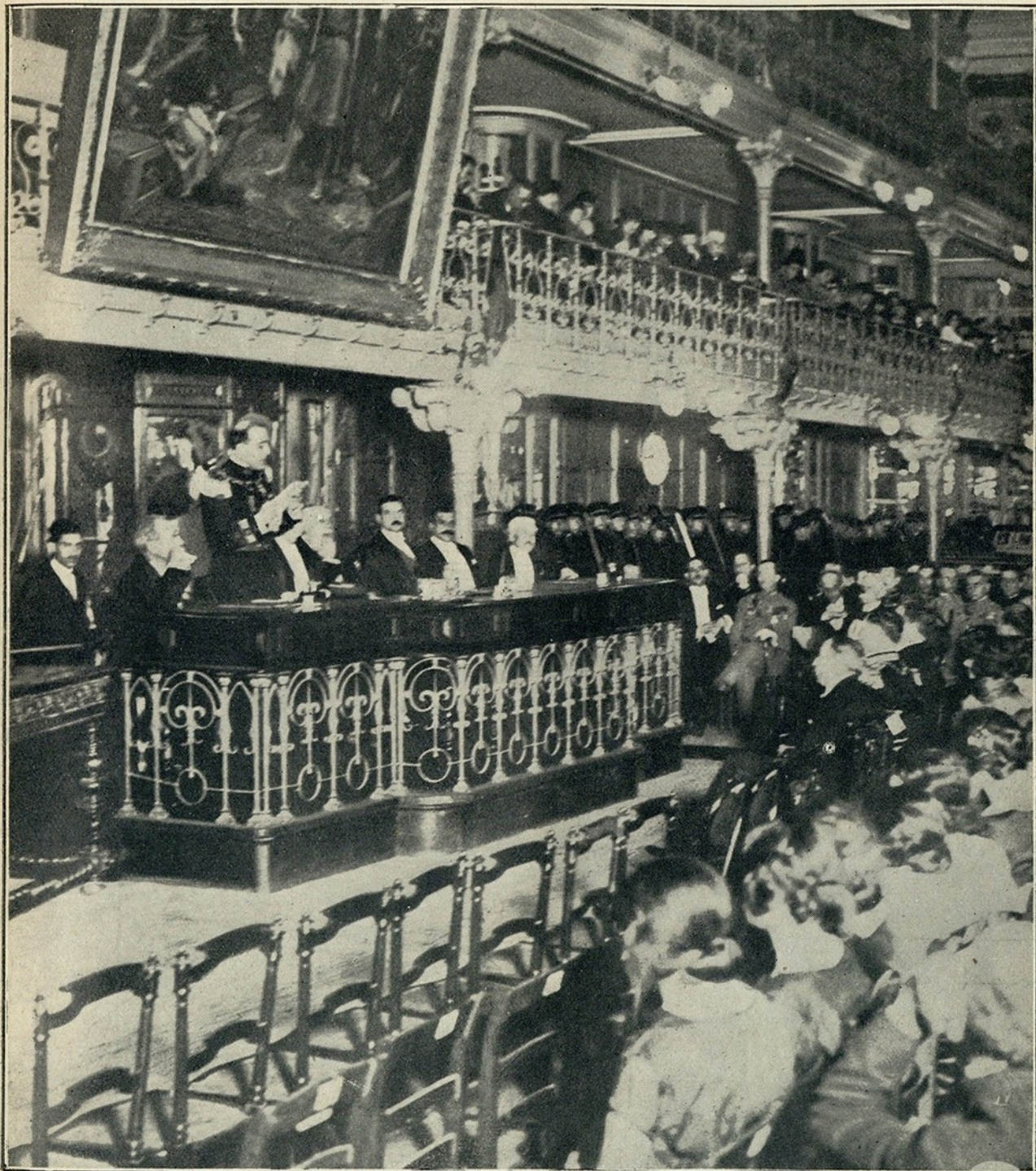
A' vinda, na primeira farmacia, comprei a poção salvadora para o meu filho. E foi quasi com alegria, que empurrei a porta de minha casa. Ao entrar recuei espavorida, doida. Foi como se o mundo todo ruisse á minha volta Afogou-se-me na garganta um grito, rouco. O meu filho estava morto! Neste minuto só—veja—em branqueceram-me os cabelos. Durante muito tempo, depois, não acreditei em Deus...

Coimbra, 1924.

JULIO VALFLOR



OS PADRÕES DA GRANDE GUERRA



Aspecto de um trecho da Sala Portugal da Sociedade de Geografia, por ocasião da sessão solenne da entrega das primeiras pedras dos Padrões comemorativos da Grande Guerra, que vão ser erectos, em Angola e Moçambique, sessão realisaada, sob a presidencia do Chefe do Estado, no dia 15 do corrente. A' esquerda, de pé, o sr. Presidente do Ministerio, lendo o seu discurso.

(Cliché Salgado.)



Os jogadores militares portugueses (efectivos e suplentes) que disputaram, no dia 16, a Taça «Capitan General» e alguns membros do respectivo comité de selecção, com o sr. Presidente da Republica, por ocasião da visita de despedida a sua Ex.^a, no dia 11 da corrente, ante-vespera da sua partida para Madrid (Cliché Salgado.)



Recepção da missão militar que precedeu, em Madrid, os nossos jogadores, pelo Ministro da Guerra espanhol, no dia da sua chegada aquela capital, vendo-se, ao centro da fotografia, o general Primo de Rivera e, à direita deste, o Ministro de Portugal (Cliché Vidal, Madrid.)



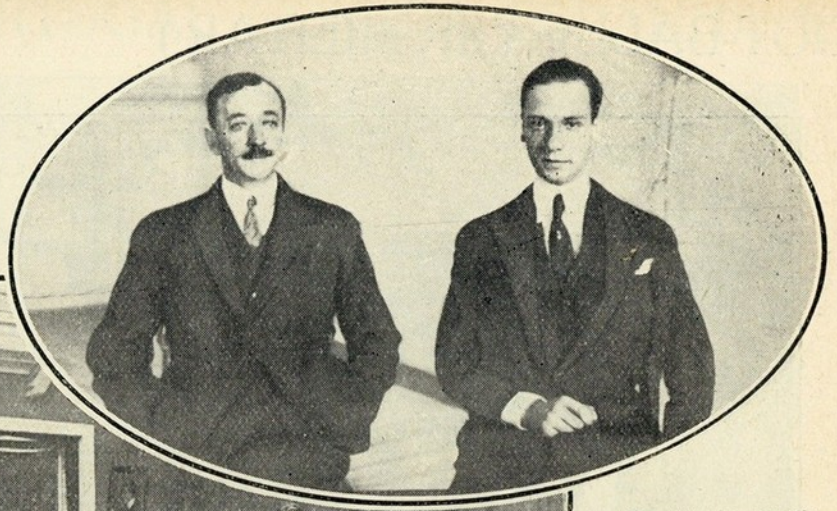
A missão militar portuguesa na recepção em sua honra realizada, no dia 13, na Camara Municipal de Madrid, A' esquerda do ministro de Portugal, vê-se o alcalde da cidade



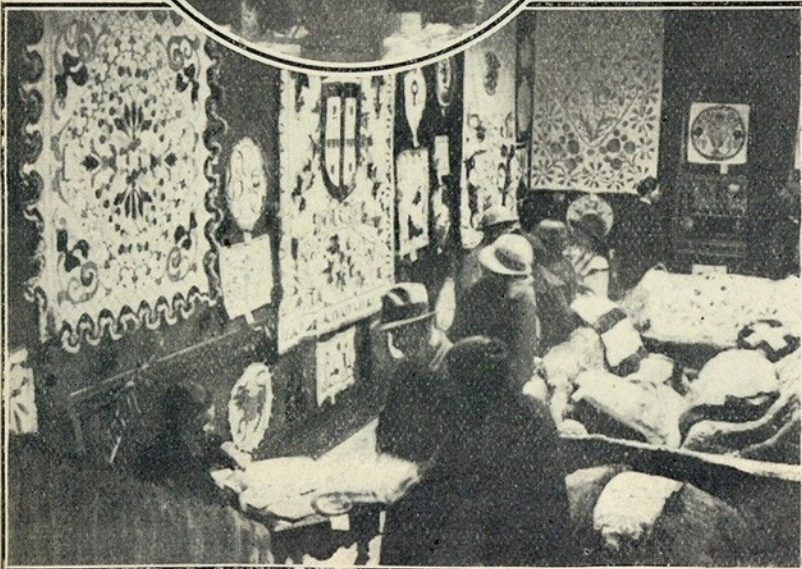
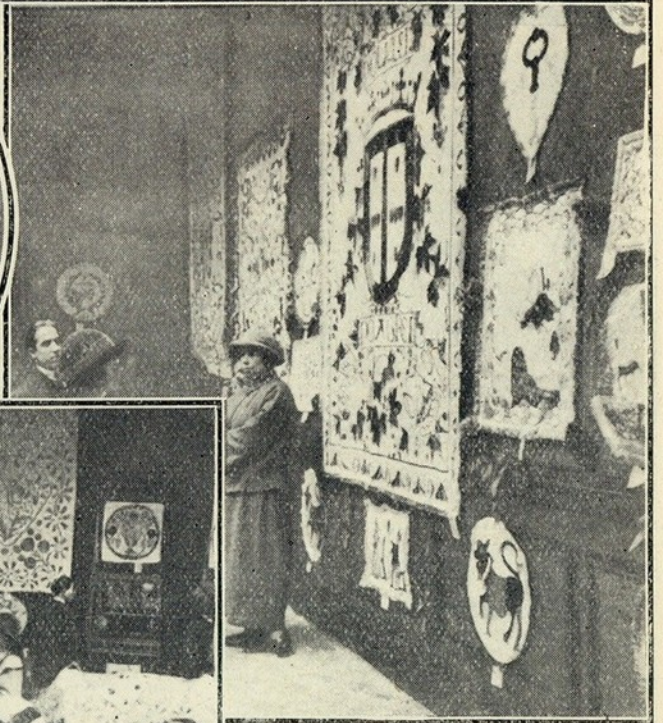
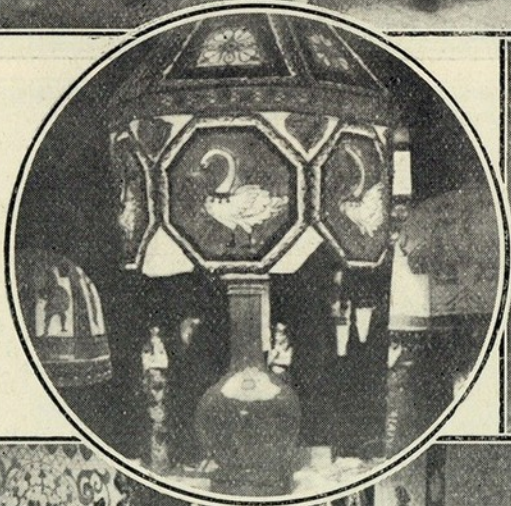
A equipe da guarnição militar de Madrid que venceu a nossa, por 5-2, no encontro realizado, no dia 16, no Stadium daquela cidade

(Clichés Vidal, Madrid.)

Arte e Artistas



Realizou-se no dia 15, no Salão da *Ilustração Portuguesa*, o vernissage da exposição dos ilustres pintores srs. Alberto Cardoso e Mario Eloy, que está obtendo o mais justificado sucesso. Pela mesma ocasião realizou, o sr. Assis Esperança, uma interessante palestra sobre os trabalhos expostos, representando a nossa gravura o recinto da exposição, quando da referida palestra. Na oval veem-se os artistas expositores: à esquerda o sr. Alberto Cardoso e à direita, o sr. Mario Eloy.



Na mesma data, no Salão Bobone, também se efectuou a inauguração da artística exposição de bordados portugueses da sr.^{ta} D. Maria Margarida Santos, a que já fizemos referência no nosso anterior numero. Inserindo agora, alguns aspectos da referida exposição, gostosamente verificamos que os trabalhos nela apresentados honram a expositora, garantindo-lhe seguramente um êxito ainda superior ao que obteve no ano anterior.

(Clichés Salgado.)



Dr. Dubreuil Chambardel

Um Ilustre Anatomico Francez



Dr. Henrique de Vilhena

O sabio prof. Henrique de Vilhena, depois de instado e afastado toda a ideia de entrevista, recebeu-nos no seu gabinete de trabalho, gabinete onde o mestre consome os dias numa lucta intensa para que as gloriosas tradições anatomicas da Escola medico-cirurgica de Lisboa que tiveram um dos seus grandes impulsos com mestre Serrano, continuem a chamar as atenções de todo o mundo culto. O prof. H. de Vilhena, viu com a passagem de Chambardel por Lisboa, o interesse que os seus notaveis trabalhos despertam em toda a Europa.

Dubreuil-Chambardel, que foi discipulo de Ledouble, e hoje prof. de Anatomia na Escola Médica de Tours e vicepresidente da Sociedade de Anropologia de Paris. O seu nome é falado e alguns dos seus trabalhos merecem sinceros elogios. Porque foi bem acolhida a sua vinda a Lisboa, tivemos curiosidade em ouvir o prof. H. de Vilhena, um dos mais queridos professores da Faculdade de Medicina de Lisboa, sobre Chambardel e principalmente, sobre o mestre de este, o grande anatomico francez, Ledouble, figura até ha pouco tempo, tão justamente apreciada por alguns meios scientificos. E' o prof. H. de Vilhena, que nos elucida:

—Já conhecia Chambardel, atravez de alguma correspondencia. Verifiquei nas suas cartas, o carinho especial com que elle lia o nosso Arquivo de Anatomia e Antropologia e de um modo geral os trabalhos anatomicos portuguezes. Um dos factos que interessaram á nossa correspondencia foi um trabalho do dr. Luiz Guerreiro, meu assistente, que colocara em relêvo os trabalhos e a orientação de Ledouble, mestre e amigo de Chambardel, duran e a sua vida de estudante e nos primeiros anos da sua formatura. Ledouble tinha sido algumas vezes tratado com menos distincção e esta nota em que havia referencia a Ledouble, bastante interessou Chambardel.

—Foi então...

—No verão passado, Chambardel communicou-me que vira a Portugal, visitar o nosso paiz e lembrei-lhe que a oportunidade dessa vizita, seria na primavera ou no inverno, quando os nossos institutos funcionam. Chambardel aceitou a minha indicação, escolheu o mez de março e nessa ocasião propuz ao Conselho da Faculdade a conveniencia de lhe pedir para realizar em Lisboa uma conferencia.

Chambardel aceitou e veiu.
—A conferencia de Chambardel?

—Foi muito bem recebida. O meu colega demonstrou o interesse do estudo das variações anatomicas na patologia e na clinica.

Falou de Ledouble, historiou a sua vida scientifica e contou, ainda que rapidamente, a sua orientação; recordou Thomás, igualmente anatomista de Tours e Bretonneau, precursor de Parvever.

No final da sua conferencia, Chambardel, poz em relêvo o interesse dos trabalhos que tem saído do nosso instituto e a respectiva orientação sobre o estudo das variações ou em geral, o estudo da anatomia.

—Sei que Chambardel saiu encantado com a maneira com que V. Ex.ª o recebeu.

—Nós procuramos rodea-lo de todo o carinho.

Seguimos a tradição portugueza. Tivemos bastantes e valiosos auxiliares e não devei deixar de citar entre eles o meu querido amigo prof. Azevedo Neves, Ilustre Director da Faculdade.

Pretendi simplesmente não esquecer o velho sentimento de hospitalidade que nós os portuguezes respeitamos muito e honrar as tradições da Anatomia na nossa Faculdade e nas Universidades portuguezas.

—V. Ex.ª está satisfeito?

—Sim. Congratulo-me com a vizita de Chambardel e pelo que ella representa, sendo este discipulo de Ledouble; pelo que ella significa de estima e consideração pelos trabalhos anatomicos portuguezes e pela actividade anatomica das nossas escolas.

O prof. Vilhena terminou. Trocamos mais algumas frases e sai, agradecendo ao auctor dos *Ensaio de Critica e Estetica*, o minuto de atenção que lhe roubei aos seus trabalhos, trabalhos que o têm consagrado em toda a Europa.

O banquete de honra a Dubreuil-Chambardel, cuja realisação fôra inspirada pelo professor dr. Henrique de Vilhena, decorria com o maior brilhantismo.

O dr. Azevedo Neves, distincto professor, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, abriu a série de discursos, fazendo o elogio do anatomico francez, que, afastado do convivio mundano das grandes cidades, trabalha, sem cessar, no intuito da sua pequena escola de Tours.

Depois, o professor, dr. Henrique de Vilhena, disse algumas palavras, que, decerto, pela extraordinaria sinceridade, que revestiram e o carinhoso acolhimento, que demonstraram representar, nunca poderão ser esquecidas por Dubreuil-Chambardel—que, aliás, no seu discurso, assim o afirmou.

O dr. Luiz Guerreiro, encarregado do curso de anatomia topografica, da nossa Faculdade, expozera num primoroso francez, o peso da tarefa dos anatomicos, tão ardua como, por vezes, ingrata, referindo-se depois aos trabalhos do anatomista de Tours, e ás teorias do seu mestre Ledouble.

O professor Charles Lepierre, o dr. Antonio de Carvalho Dias e o dr. Simões Raposo, falaram, intelligentemente, sobre a significação daquela festa, tendo, o sr. dr. Barbosa Soeiro, evidenciado o valor moral e patriótico da França.

Dubreuil-Chambardel agradeceu a todos, vizivelmente comovido, com palavras em que a modéstia pretendeu esbater a forte tonalidade do seu esforço de investigador.

Foi, passados momentos, na ocasião em que os fotografos preparavam alguns clichés, que trocámos impressões.

—A maneira gentil por que fui recebido,—começou Chambardel—não só em Lisboa, como no Porto, faz com que guarde, para toda a minha vida, as melhores recordações desta viagem a Portugal.

«Aqui encontrei a esplendida amizade de grandes trabalhadores—porque em Portugal, ha, realmente, uma enorme actividade scientifica—trabalhadores estes, cujos nomes podem ser citados, sem receio, ao lado dos que a morte consagrou—refiro-me, especialmente a Henrique de Vilhena e Pires de Lima, cujas obras conheço e muito aprecio.

«De Portugal, ainda devo mais, a gratidão pelas inumeras provas de apreço, requintadamente amáveis, que me testemunharam, a mim, simples anatomico... de provincia.

«Como francez, sensibilizou-me verificar a maneira, porque se encontra divulgada, em Portugal, a literatura scientifica do meu paiz.

«E' magnifica a impressão, que tenho da minha vizita á Escola Médica de Lisboa, e, em especial, ao seu Instituto de Anatomia.

«Decididamente, em Portugal, trabalha-se e bem, pelo desenvolvimento das ciencias medicas.»

Agradecemos a Dubreuil-Chambardel a amabilidade de nos ter dito estas palavras, e as amáveis palavras, que teve para Portugal.

Não queremos, no entanto, terminar, sem falarmos, do segundo discurso do ilustre professor, dr. Azevedo Neves, no qual se referiu á notavel obra do muito distincto anatomico, dr. Henrique de Vilhena, exalçando, magnificamente as suas belas qualidades.

O professor Henrique de Vilhena agradeceu, deveras sensibilizado, estendendo este agradecimento a todos os presentes, pela sua colaboração na homenagem.

Se nada mais nos impressionasse, no decorrer do banquete, bastaria a fraternidade daqueles dois espiritos, Azevedo Neves e Henrique de Vilhena, assim manifestada, para que, para sempre, ligássemos, áquella festa,, a recordação mais elevada e nobre.

Lagrimas Femininas

A CONDESSINHA

SECULO XVIII

NO seu berço côr de neve, abrindo os olhitos azues, agitando a poalha doirada dos caracões e enfaixada como uma múmia em mantilhas de rendas caras, a condessinha sorria.

Um díche d'ouro ao pescoço, um cruzado furado á cabeceira, figas, velas bentas e espadins velhos; toda uma legião de *fetiches* para evitar que as bruxas se aproximassem da nacarada flôr de carne que no bercito palrava. Até aos quatroz annos foi o seu universo aquelle vasto quarto risonho, todo forrado de panos de Yony onde se destacavam aqui e all, alguns retratos ovais de tios-avós. Eles, imponentes nas suas casacas de riço azul celeste, os bofes da camisa parecendo flocos de espuma, metendo no punho do quitô doirado o niveo lencinho de holanda.

Elas, as graciosas sécias, de cabeleira empoada, os seios a descoberto, amorosamente mordidos pelo rosicler de prata e no canto dos olhos o apaixonado—o sinalsinho gaiato que fôra a perdição dos casquilhos de outr'ora.

Ao centro, um leito de pau santo, em cujo medalhão, gentis figurinhas de Watteau dançavam um minuete num serenim do Paço. Contadores dourados, em que serpenteava uma farandola de Cupidos, arcaas profundas de brilhantes fechos metallicos cobertas de almofadas adamascadas e cómodas bojudas em que corriam figurinhas falantes esmaltadas em flautas de Pan e onde docemente morriam dezenas de velas em candelabros de prata. Finalmente em face da *bergère* de seda Pompadour, o trenó doirado suportando todos os *colifichets* que aformoseavam a senhora marquezia, a mais falante frança do Paço. La estavam os leques e as *mouches*, os polvilhos e o carmin, os paspalhões de brilhantes e os lenços de rendas d'Alençon.

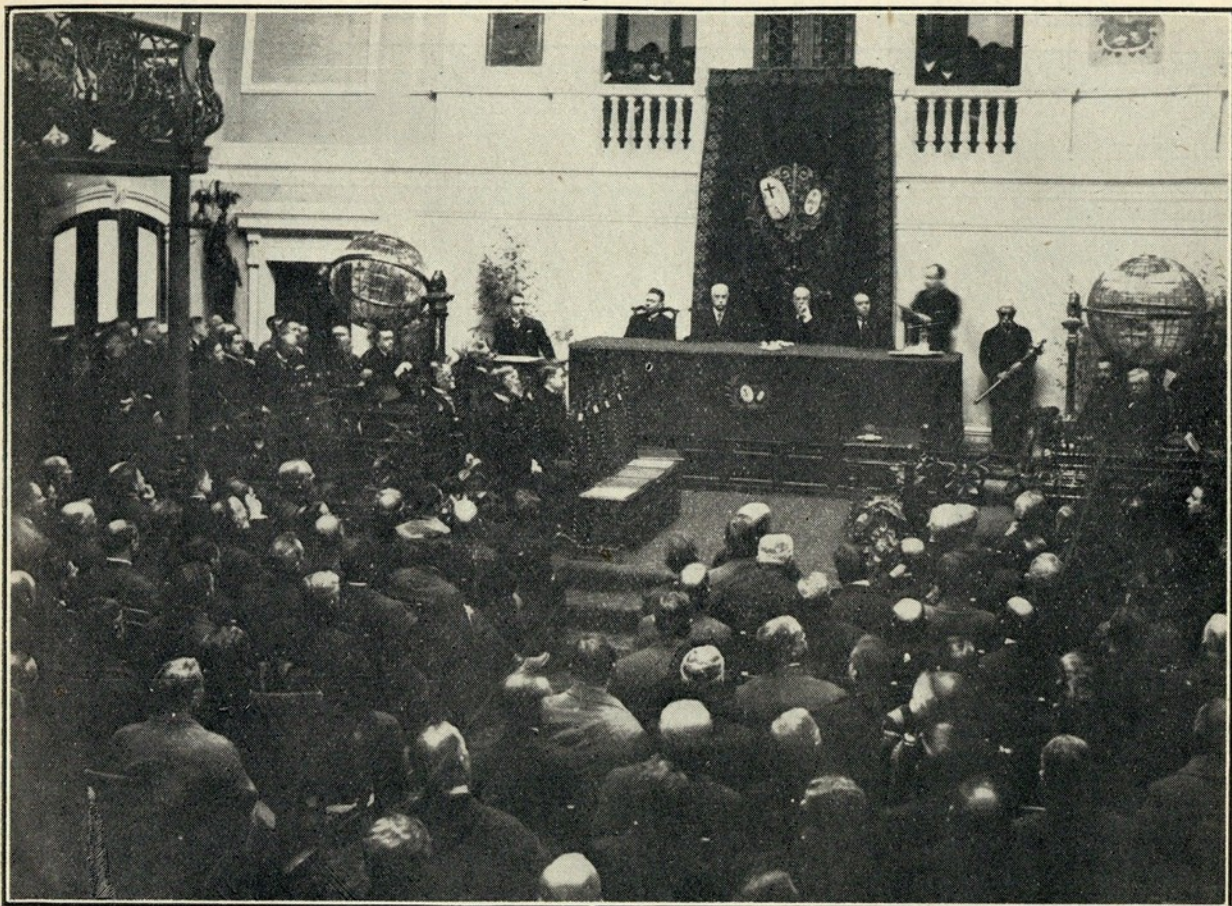
Loura e travessa a condessinha foi crescendo. O donaire ia-se alargando, os pequenos sapatinhos do salto de poleiro já não serviam, as tafuis bonecas que o tio arcebispo trouxera de França iam ficando esquecidas nas arcaas fundas e a fidalguinha ia de vez em quando espreitar á gelosia correndo ao som dum quitô de prata que saíra do boidriê marchetado... Foi num sarau do Paço, ao terminar um minuete de Avenida que ella ouviu a primeira palavra d'amor. Desde esse momento nem um só dia, o negrinho da menina deixou de levar as cartas d'amor que a obreira fechava e a agua de Córdova perfumava. Dai a pouco, quando as açafatas deram por terminados o bragal da noiva, a sala nobre do palacio foi ornada de brocado dourado, brilhavam joias e plumas, pratas e rendas... A condessinha casava.

Foi a tremer que o noivo, respeitosaemente ajoelhado, lhe ofereceu o «pucaro d'agua» em que a condessinha mergulhou ao de leve a ponta rosada dos deditos esguios, n's quais ficou uma gota a tremeluzir:—imagem da vida limpida que passára, quicá precursora das lagrimas que a Vida lhe reservava.

AURORA JARDIM ARANHA.



O CONGRESSO DAS MISERICORDIAS



A sessão inaugural realisada, no dia 16, na sala das lotarias da Misericordia de Lisboa, sob a presidencia do Chefe do Estado. A' direita de S. Ex.^a vê-se o presidente do Senado, e á esquerda, o presidente do Ministerio e o provedor da referida Misericordia sr. dr. Silva Ramos, lendo, de pé, o discurso inaugural do Congresso

O PROFESSOR VIANEY



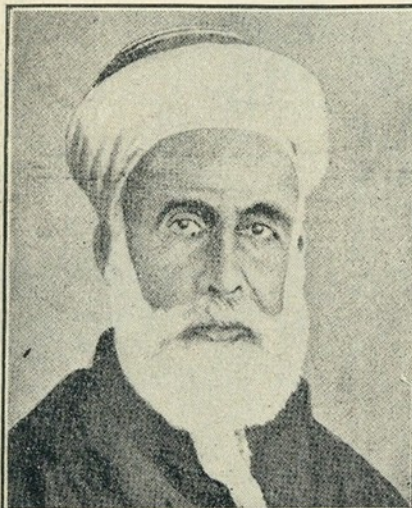
Chegada a Lisboa, no dia 17, do professor M. Vianey, ilustre director da Faculdade de Letras de Montpellier, que veio realizar, entre nós, varias conferencias e lições sobre literatura, sobremaneira notaveis. A' esquerda do noss ilustre hospede, sua esposa e, á direita, o Director da Faculdade de Letras de Lisboa, sr. dr. Queiroz Veloso, que o aguardava na gare do Rossio

JOGOS OLIMPICOS



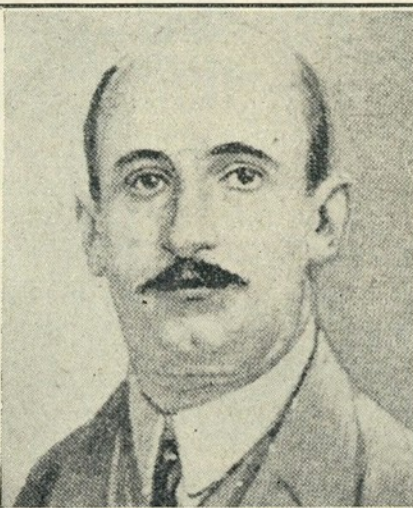
O Comité Olimpico Portuguez que foi recebido, no dia 17, pelo Chefe de Estado, com quem tratou de assumptos que se prendem com a nossa representação nos proximos Jogos Olímpicos de Paris. Ao centro, o presidente do Comité, sr. dr. José Pontes, tendo, á direita, os srs. drs. Manoel Paredes e Cesar de Mello e, á esquerda, os srs. dr. Salazar Carreira e Farinha, etc.

PERSONALIDADES EM FÓCO



O rei Hussein, de Hedjaz

A quem os musulmanos da Índia ofereceram o Califado, como protesto contra a deposição de Abdul-Madjid, pela Assembléa de Angora



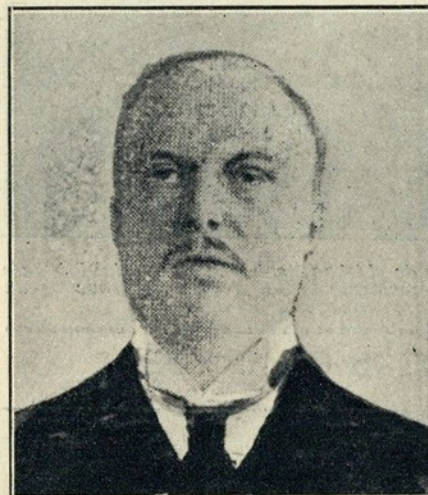
Alexandre Papanastasio

Leader republicano grego, actual presidente do ministerio da Grecia, em consequencia da recente demissão do gabinete Cafandarís



Theunis

Ilustre homem politico que preside ao novo ministerio da Belgica, accumulando essas funções com a gerencia da pasta das finanças



Príncipe Henrique

Marido da rainha da Holanda, que tem estado de visita a Espanha, onde se organisaram varias festas officiaes em honra do illustre visitante



Actriz Reichenberg

A «rainha das ingenuas», societaria da Comédie, que, tendo abandonado o palco, para casar, em 1898, faleceu em Paris, no dia 10, com 71 anos



M. Bcuvier

Vice-presidente da Academia de Sciencias, de Paris, á qual acaba de comunicar achar-se resolvido o problema de estabilidade dos aviões



Fausto de Figueiredo

Ex-deputado e Provedor da Assistencia, que tornou publica, ha dias, a resignação dos referidos cargos, em carta que velu publicada nos jornaes.



Dr. Oliveira Santos

Antigo governador da Lunda e de Benguela que realiso na Sociedade de Geografia e no Ateneu, do Porto, duas notaveis conferencias sobre Angola



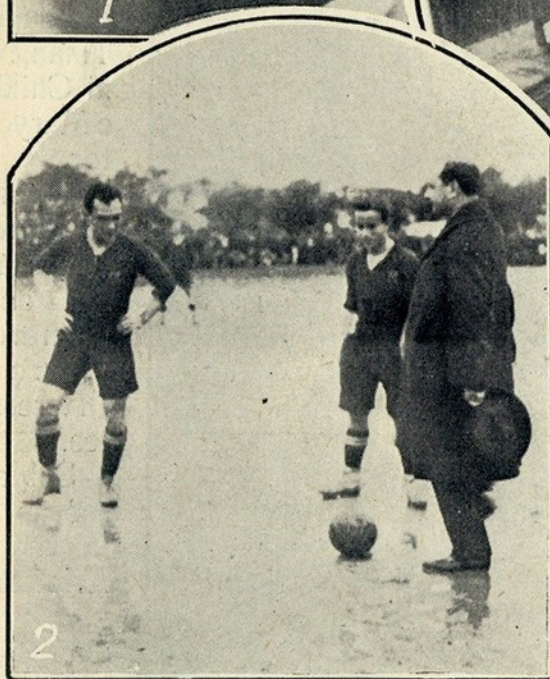
Fernando d'Oliveira

Arrojado cavaleiro taumaquico, morto, ha 20 anos, de desastre, no Campo Pequeno, onde vão ser collocados uma lapide e um busto comemorativos

A grande festa desportiva do A. C. T. I.



Aspectos vários da disputa da TAÇA PRESIDENTE DA REPUBLICA TEIXEIRA GOMES, e do encontro entre os jornalistas desportivos e o «onze» do Carcavelos Club.



1—O Chefe do Estado saudando Candido de Oliveira, capitão do grupo vencedor.

2—O sr. dr. Alfredo Guisado, vereador da Camara Municipal de Lisboa, dando o pontapé de saída do encontro Casa Pia-Be-lenenses.

3—O onze do Casa Pia Atletico Club com a Taça Presidente da República, Teixeira Gomes.



4

4—O onze do Carcavelos Club, que venceu os jornalistas por 4-3.

5—O Grupo Representativo dos jornalistas desportivos.



5

(Vide "Todos os Sports")

"Estrelas" e "Azules" do Cinema

A película de Ralph Ince, intitulada *Comediantes*, em que aquele *metteur en scène*, sómente se preocupou com traçar a largos traços os pitorescos quadros da vida intensa e tão especial dos campos, obteve um estrondoso êxito na sua primeira exhibição.



Miles Monique Chrysis e Helbing, em o film das elegancias parisienses

Os principais papéis do film foram desempenhados por Brandon Tinan, Nani Childers e Mary Astor.

— Arlette Marchal conta já no seu activo numerosas creações interessantes.

Sob a direcção de Guarino, Arlette aca-

Lucie Doraine, creadora do papel de Margy Green, interpretando a película Sodoma

ba de interpretar no «film» intitulado *Um velhaco*, um papel bastante ingrato e difficil.

A artista soube, contudo, mercê das suas magnificas qualidades e dos traços puros do seu rosto, imprimir ao papel de protagonista, uma naturalidade extraordinaria.

O principal papel masculino foi confiado a S. Petrowitch, que se houve, tambem, com pericia.

A acção passa-se em parte na America, em parte na França, mantendo, porém, durante toda a película todos os caracteristicos dos films americanos, caracteristicos estes de que, por vezes, se tem abusado.

Muitas das scenas são cheias de movimento e o final da vida aventureosa *dum velhaco* é logico, pois que ele proprio se faz justiça.



A conhecida e apreciada estrela franceza, Denise Legeray
Jean Forest, uma das novas vedetas do cinema



BANQUETE DE HOMENAGEM AO DR. DUBREUIL-CHAMBARDEL



Assistência ao banquete em honra do ilustre anatomico francez, professor de anatomia da Escola Medica de Tours, vice-presidente da Sociedade de Antropologia de Paris, e Secretario da Sociedade de Arqueologia de Touraine, realisado, no dia 13 do corrente, no Café Tavares

Da direita para a esquerda: (sentados) os srs. professores Monjardino, Azevedo Neves, Dubreuil-Chambardel, Bataillon; e Henrique de Vilhena, dr. Alvaro Colaco, professor Charles Lepierre, dr. Antonio Sergio, dr. Costa Sacadura; (de pé,) Antonio Dias Costa, dr. A. Carvalho Dias, dr. Luiz Guerreiro, Augusto d'Esaguy, dr. Antonio Martins, dr. Raul Silva Viana, dr. Simões Raposo, dr. Duarte Ferreira, dr. Barbosa Sueiro, e I. Ieffranc

DOIS CASAMENTOS



A sr.^a D. Maria Deolinda Amaro Dias, e o ilustre pintor sr. João Reis, cujo casamento se realisou, recentemente, na igreja de S. Silvestre, na Louzã.
(Cliché F. Ferreira.)



A sr.^a D. Maria do Ceu Oliveira Trindade Casca e o sr. Firmino João Teixeira Rego, cujo casamento se realisou em Lisboa no dia 29 do mez findo.
(Cliché Serra Ribeiro.)

A Estudantina Madrilena em Lisboa



Os academicos espanhols visitando o Chefe de Estado que os recebeu, em audiencia particular, na dia 22, no Palacio de Belem. Á direita do sr. Teixeira Gomes, o sr. ministro de Espanha, que apresentou os visitantes.



O sr. ministro de Espanha e os membros da Estudantina, saindo do Palacio de Belem.

(Clíchés Salgado.)

A ESTUDANTINA MADRILENA EM LISBOA



Os estudantes espanhóis executando vários números de música no jardim do Palácio da Legação de Espanha, que visitaram no dia 11. Na varanda, o sr. ministro do país vizinho, sua esposa e seu filho

(Cliché João Segura.)



Uma das salas do Centro Espanhol, onde a Estudantina foi festivamente recebida, na mesma data, realizando-se um sarau em sua honra

(Cliché Salgado.)



Os estudantes madrilenos saindo da Câmara Municipal, em seguida à sessão solenne ali realizada em sua honra no dia 12



Partida, para o norte do país, no dia 14, da Estudantina Madrilena

(Clichés Salgado.)

Fabrica Nacional de Tintas de Imprensa

Realisou-se, no dia 11, a convite da firma proprietaria, Candido Augusto da Costa L.^a, uma visita de representantes da imprensa e outras entidades officaes e tecnicas ás diversas instalações e officinas da Fabrica Nacional de Tintas de Imprensa, mais conhecida por Fabrica da Cascalheira, por se achar situada no local da cidade assim denominado. Visou, o referido convite, solemnizar o 28.^o aniversario da fundação daquele importante estabelecimento fabril, que, tendo sido pasto das chamas em julho de 1922, reaparece, agora, sensivelmente alargado e melhorado,



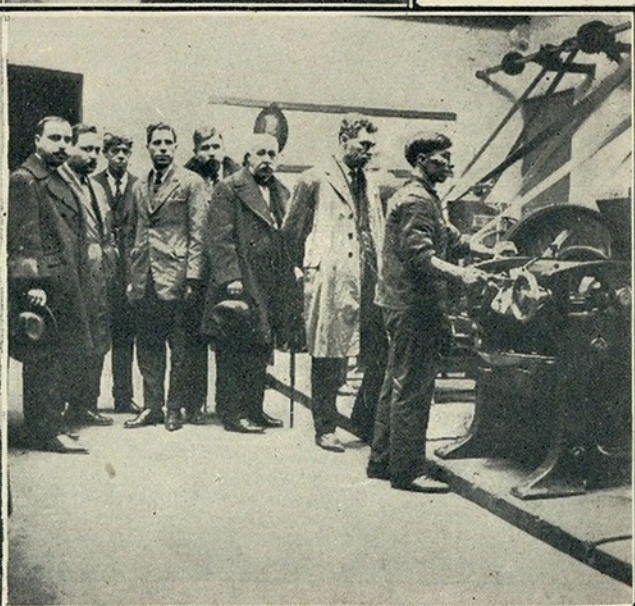
em termos de satisfazer todas as necessidades nacionaes quanto ao objecto da sua industria.

Amavelmente recebidos pelo sr. dr. Mauricio Costa, director e filho do fundador da fabrica, pelo engenheiro sr. Garcia Gomes, director tecnico, etc., os visitantes percorreram todas as dependencias da mesma, ficando com a melhor impressão da sua visita.

Por fim, foi-lhes oferecido um copo d'agua, durante o qual se trocaram efusivos brindes, sendo recordada, com sentidas palavras de saudoso elogio, a memoria do fundador, Candido Jose da Costa.



O gabinete da Direcção



O edificio da Fabrica
O copo d'agua oferecido aos convidados

Uma das officinas

A temporada do Trindade



e uma 'reprise' no Nacional

SABER AMAR, a comedia em tres actos de Mario de Almeida, caíu na Trindade. O autor, a quem se devem alguns interessantes volumes de prosa, nos quaes se afirmam muitas qualidades literarias, a par de uma vasta cultura e de dotes de observação inegaveis, não atingiu, desta vez, o seu objectivo. A comedia resente-se de uma grande inexperiencia e de uma ingenuidade não menor. O publico, já descoroado por alguns anteriores desastres scenicos no mesmo palco, patenteou a sua contrariedade de modo que se produziu um incidente a breve trecho liquidado. Aura Abranches, artista queridissima pelo seu talento e pela sua formosura, não teve mão nos nervos e soltou estranhas palavras de que logo se arrependeu, mas que surpreenderam e maguaram os espectadores. Sou de parecer que a platéa, reservando as manifestações de aplauso ou de reprovação para o final dos actos, só procede acertadamente. Tudo o que seja interromper um espectáculo, quer para ovacionar, quer para patear e vociferar, prejudica o decisivo julgamento da obra e da interpretação, enerva os artistas e incomoda a maioria do publico. E' certo que não faltam, a miude, atenuantes, que explicam, senão justificam, a attitude assumida por um certo numero de espectadores. Tal o caso da Trindade. Abriu-se assinatura para umas tantas recitas com primeiras representações e *reprises*. As estreias foram, quasi sem excepção, deploraveis pela inferioridade das peças e pelo mau aproveitamento dos artistas de categoria que compõem a troupe de Aura Abranches, a que pertencem Adelina e Azevedo. Irritados, os espectadores protestaram com ruidosa desenvoltura. Aura num irreflectido momento de colera, classificou de selvagens os manifestantes, cara a cara, ao querer arvorá-los em empenachados peles-vermelhas! Foi um excesso ainda mais lastimavel do que os daqueles que se consideravam victimas de um logro, embora involuntario. . . . Com effeito, nenhum interesse poderia haver da parte da illustre actriz emprezaria em organizar um repertorio, como o que, na presente época, trouxe a Lisboa, Os factos consumados não de servir-lhe de rude mas exemplar e proficua lição. A escolha de peças precisa de ser feita com rigoroso criterio, sem se atender a outras condições senão as exigidas pelo prestigio da arte e de quem a exerce, escrevendo ou representando. Falham os originaes portuguezes? Para que teimar na evidenciação da sua congenita fraqueza, do seu comprovado raquitismo, da sua manifesta acefalia, quando uma simples leitura prévia punha de sobreaviso as pessoas menos experimentadas no exame de taes labores literarios?

Mas todos os originaes se pautam por alguns dos specimens que foram representados? Por certo que não, — para lustre e honra das nossas letras. Um dos males de que hoje enferma o teatro portuguez consiste em persistir na erronea idéa de que toda a companhia dramatica depende, exclusivamente, de uma ou outra figura que a encabeça e lhe dá o nome. Não pode nem deve ser assim.

O conjunto é tudo em teatro. Ha que ter em conta as aptidões de todos, trazê-las ao primeiro plano sempre que se ofereça o ensejo, procurar ate valorisá-las e, quando elas são excepcionaes, ter o cuidado de nunca permitir que se suponha que as envolvem numa cal-

culada e propositada penumbra.

Não é este o caso especial da companhia de Aura. Faça-se a merecida e facil justiça de reconhecer que ela deseja ardentemente que Adelina Abranches e Alexandre de Azevedo — e citam-se apenas duas das mais brilhantes figuras que a acompanham — deparem ocasião para que os seus recursos histrionicos esplendam no maximo fulgor.

Isso, porém, conseguir-se-ha sómente desde que se não perca de vista, na organização do repertorio, a necessidade, e até a vantagem comum, de um equilibrio de forças e de um aproveitamento de faculdades que se diriam inconscientemente menosprezados. Escasceiam os originaes portuguezes que proporcionem a satisfação de um tal programa? Enquanto eles não surgem, resignemo-nos a buscar com sincero afan no repertorio estrangeiro o que mais convenha, quer dizer aquilo a que melhor se adaptem as qualidades dos nossos comediantes e que contribua para as colocar em foco, — sem o infantil receio de que um ou outro se distinga, quando não fór possível que a perfeita harmonia os nivele, o que seria o supremo ideal e deve ser a aspiração suprema. . . .

Alexandre de Azevedo, na sua festa artistica, representou o primeiro acto de *Simone*, a peça de Brioux, e houve-se de geito a que lhe fizessem a mais espontanea e justa apoteose. Eis uma peça que ficaria bem no repertorio da companhia Aura Abranches, pois, na protagonista, a bela e encantadora actriz teria oportunidade para exhibir amplamente as multiplas facetas do seu talento. E vem a proposito dizer que no Nacional se fez a *reprise* de *Simone* em que ha anos Ilda Stichini, nesta hora uma das primeiras figuras femininas da scena portugueza, conquistou unanimes louvores da critica e do publico. Conserva Ilda Stichini o seu papel, interpretando-o muito bem nos dois aspectos diversos que o caracterizam, e nomeadamente na primeira parte, que abrange o segundo acto, com uma delicadeza, uma graça e uma frescura incomparaveis. Artista de aguda inteligencia e de modelar probidade, estudando com afinco e tendo pela sua arte o mais apaixonado e terno culto, Ilda Stichini é entre as artistas do Nacional uma das que de pleno direito occupam o seu lugar. Conquistou-o mercê dos proprios meritos. Ribeiro Lopes — que parece não ter disposto do tempo bastante para se apossar da sua difficil personagem — defendeu-se como pôde e o melhor que pôde. Artur Duarte, joven galã nos dois ultimos anos absorvido pela arte do silencio, fez o seu curto papel com natural sobriedade e discreta elegancia. Carlos de Souza, que principia a sua carreira, continua a ter jus a incentivos.

Sagina Elegante



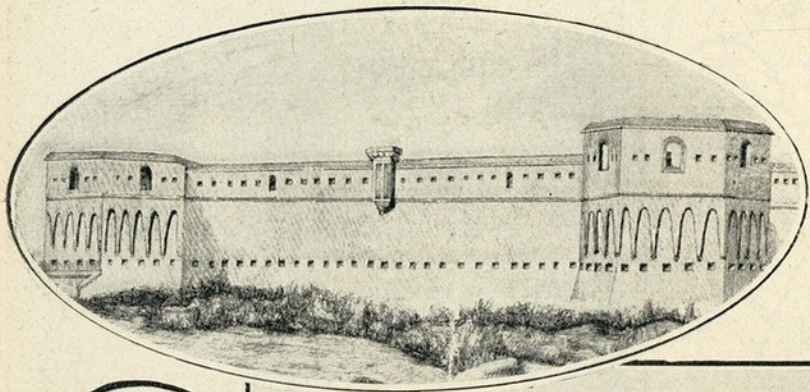
A despeito deste tempo carrancudo, chuvoso e frio, que quasi nem nos deixa crer na existencia da primavera, a moda prepara-nos lindas toilettes, cheias de leveza e graça, proprias a remocarem-nos com o seu aspecto juvenil.

E a crer nas indiscreções que nos chegam, ter-mos este verão modelós d'uma simplicidade encantadora, em que as côres claras predominarão, sem que, todavia, preto e o azul escuro, as

côres ideaes para as pessoas de gosto estetico requintado, sejam postas de lado, antes aproveitadas com exito, para os *tailleurs* e para algumas toilettes de cerimonia aliando-as, principalmente, com o branco. Porque, gentis leitoras, o branco e o preto, intelligentemente combinados, estarão este ano em grande voga, ideia estetica que conjugada com a linha esguia triunfante será extraordinariamente favoravel á elegancia feminina.

Ha Muitos Anos...

A acção de Espanha em Marrocos, se não se perde na noite dos tempos, data, como se sabe, de muitos anos. Assim é que, já ha mais de 30, *O Occidente* registava, nas suas paginas, episodios das lutas marroquinas, em gravuras que reproduzimos, a proposito do recente revés sofrido, naquela região africana, pelos espanhoes, revés que, diga-se de passagem, parece não ter tido, felizmente, a importancia que, de principio, lhe foi atribuida pela imprensa estrangeira.

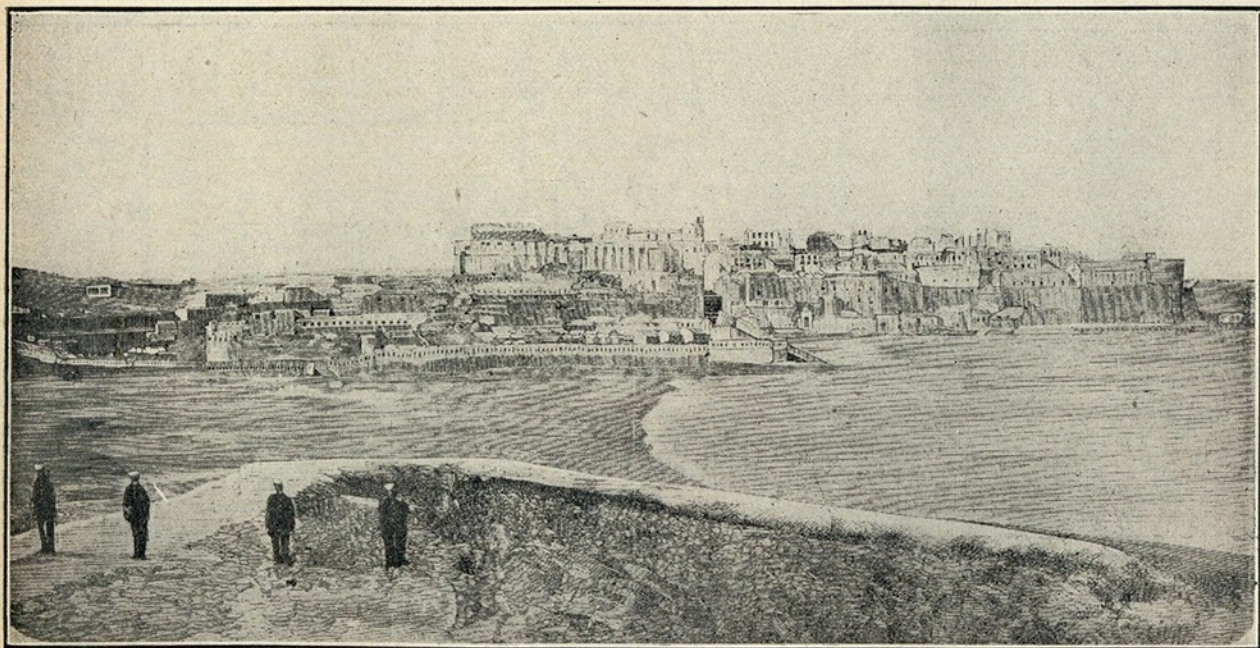


O sultão de Marrocos Muley Hamed

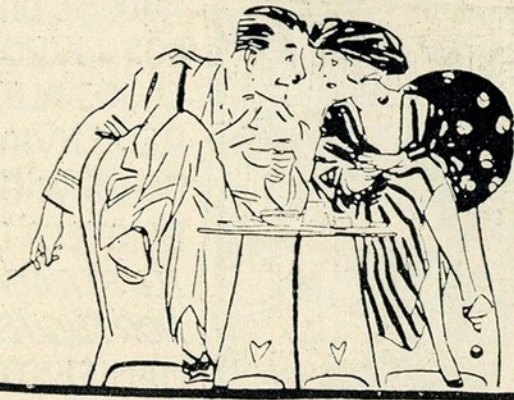
Na oval—O forte do Rostro Gordo (Melilla)



Uma avançada dos riffenhos



Vista geral da praia de Melilla



ONDE SE CONVERSARA' COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TU DO E O MAIS QUE OCORRER.

A. F. C. (CORUCHE)
—Respondido com a indicação «A. C. (Coimbra)», na Ilustração de 1 do corrente mez. Em vez de Coruche, saiu Coimbra. Tenha paciência, q ue também nós a temos...

A. de A. e O. — Dos seus tres sonetos apenas cabe a um, rigorosamente, essa denominação, visto que, em dois d'elles, as quadras não rimam entre si, condição sine qua non, como deverá saber, para catorze versos constituirem... um soneto. Em todo o caso, como são interessantes e, aparte esse senão, tecnicamente bem feitos, daremos publicidade aos tres, embora a titulo de excepção.

No Profano, para evitar a repetição, nos cinco primeiros versos, da palavra noite, que nem menos de tres vezes figura neles, acharíamos preferivel substituir o 4.º da 1.ª quadra. Talvez assim:

A treva horrida e triste que o quebranta.

Se não concordar, avise. Não dizendo nada, partiremos do principio de que concorda.

E. N.—O seu soneto Se tu morresses... tem um fecho interessante, mas, quanto ao resto, é muito incorrecto. O Flôres e amor, escapa. Sairá a seu tempo.

ARISTOTELES — Além de insânia, a rimar com ironia, liberdade poetica que, bem sabemos, alguns mastres perpetuam, mas em tempos idos, não sendo, actualmente, de admitir, o ultimo verso do seu soneto Quaresma é simplesmente horrivel.

J. S. C. H. A. (PORTO)—Tão pobre que, mesmo com a emenda que propõe, o seu soneto fica a pedir a esmola... de não ser publicado. Essa, de andar pela praia á procura de beijinhos e acabar por ir á barraca mudar... de meias, não lembraria ao diabo, se ele se metesse a fazer versos. Que não mete, embora, ás vezes, pareça...

M. A. (PORTO)—As suas quadras serão publicadas na devida altura.

A. V. (INVICTA) — Felicitemo-lo pelas illusões e fazemos votos, também, porque não se desfaçam tão cedo. Quanto ao soneto Uma carta, sairá, mas com algumas ligeiras correções. Este verso, por exemplo, tem uma sílaba a mais:

Quando uma noite, a sós, tu me disseste

ficando certo, assim:

Quando uma noite, a sós, me disseste

Em resumo: se não concordar com que o alteramos, avise. Não avisando, entendemos que concorda.

J. F. M. (LISBOA)—Tem applicação ao seu soneto o que fica dito acima. No caso de não avisar, será publicado com as necessárias correções.

J. J.ª. (PORTO)—Renuncia é publicavel deste que dois dos seus versos sejam corrigidos: um, porque são péssimamente, e o outro, porque lhe falta uma sílaba. São estes:

E olha, amor, não causa magua á gente

Sorrindo, o teu retrato, esboçava

Parece-nos que ficarão melhor assim:

«E' bem melhor findar sem arrelias
Que, o adeus, tornem inda mais pungentes!...

Sorrindo, o teu retrato revelava

Em todo o caso, o sr. dirá.

CURVO NOVAES—Serão publicados, na devida altura.

DIDA—Os versos, do proximo numero, hors-seccão, como deseja. A prosa, tão depressa haja oportunidade. Nada tem que agradecer.

C. A. (SANTA COMBA DÃO)—Será publicado na devida altura.

A. DE G. N. (PORTO)
—Muito bem. Aguarda a sua vez Assim fosse tudo quanto nós mandam. Infelizmente, é uma parte minima...

F. L. — Não está em condições de ser publicado o seu soneto Divagando. Temos muita pena, mas a verdade é esta.

MINHOTO—Só emitimos opinião sobre trabalhos destinados a ser publicados nesta revista. E já não é pouco...

M. DO N.—Supomos que os outros versos que tem publicado serão melhores que o Perjura. Além quem lh'os publicou ter-lhe-ia prestado muito melhor serviço aconselhando-o... a fazer outros. Ou a não fazer mais

M. DE S. S.—Banal e, embora metricamente certo, retrocuidissimo. Além de que, beijando-a directamente, talvez ela goste mais e corresponda, logo, aos seus desejos de reciprocidade. Em todo o caso, nós é que não nos sentimos em disposição para intermediarios dessa especie...

A. V.—Ficam aguardando a vez. No Arrufos permitir-nos-emos umas ligeiras modificações, que se nos oferecem indispensaveis. Se não concordar terá tempo de nos prevenir.

LOURENÇO MARQUES (1918)—Muito interessante. Sairá com a possivel brevidade. Evidentemente que pode mandar mais. Sendo da mesma qualidade, será recebido com todas as honras.

CINTIA — Resalvada a consideração que nos merece o caso que inspirou os seus versos, somos forçados a explicitar-lhe que não chegam a ser... versos, quanto mais um soneto, como lhes chama. Significa isto que não tem emenda possivel, nem mesmo para jornal da provincia.

A. V.—Já está explicado que só emitimos opinião sobre versos (ou prosa) destinados a serem publicados nesta revista. Não explicita, o sr. se aqueles que nos envia tem esse destino. Supondo, porém, que tenham, dir-lhe-hemos, confor-me também já está explicado, que só inserimos colaboração inédita, ou, pelo menos, que tenhamos como tal.

Sobre os dois sonetos que nos manda, impressos, nada temos, portanto, a observar, pois que estão fora de causa. Quanto ao manuscrito, está muito longe de ser bom.

J. V. (PORTO)—Com que então não se contenta com menos que as suas quadras serem publicadas logo no primeiro numero, a sair, da Ilustração?!

Na verdade, merecem esse tratamento de excepção que reclama para elas. Se não, avalie-se por esta amostra:

Eu queria ver
Teus olhos divinaes
Queria vê-los
Embora me despresais

Mas, para amostra, basta uma. Lá todas, é que não!

INTOLERAVEL—Não minguam. E' tudo quanto ha de mais conciso, parece-nos...

A. L.—O seu soneto A Dôr está bem metrificada, mas—por amor de Deus!—não basta fazer versos metricamente certos. E' preciso que aquilo que se escreve tenha sentido. E, nós pelo menos, não aprendemos o que possa querer dizer esta quadra:

Num riso duvidoso e cruciante...
Entre vagas palavras... dolcrosa,
Vacila a bruxuleia a Luz calmante
A angelica impressão que a Vida gosa!

E, o resto, do mesmo teor.
Será inopia nossa, talvez. Mas, como não percebemos e supomos que a grande maioria dos nossos leitores succederá o mesmo, preferimos poupal-lhes, a eles, o baldado esforço intellectual a que o sr. não nos poupou, a nós...

CANTAROLAS,
versos por Antonio
de Lemos

O sr. Antonio de Lemos define o titulo do seu livrinho, segundo o Dicionario da Lingua Portuguesa, por esta forma: «cantiga desafiada». Mas não são desafiados os versos do sr. Antonio de Lemos, antes pelo contrario. Tomando quadras genuinamente populares, ou de sabor popular, glosa-as com sentimento e arte, sem que a simplicidade se sacrifique, e de sorte que se desenvolvem e completam conceitos cuja beleza e cuja intenção tornam eterna a poesia do povo. Foi feliz o autor e não faltará quem aprecie com a devida justiça os seus inegaveis meritos. Delicado, interessante, amavel, despretençioso, o voluminho das *Cantarolas* encerra paginas para decorar e para cantar á viola, e que serão a delicia de cantadores e de ouvintes. Edição da Livraria e Imprensa Civilisação, Porto.

O REVOLUCIONARIO, por Augusto d'Esaguy

Augusto d'Esaguy, moço escritor no inicio da sua carreira, escreveu uma curta novela intitulada *O revolucionario*. E' o perfil de um rapaz cheio de nobres qualidades e que, como tantos, vitima das injustiças sociaes, assume o papel de apostolo entre os seus camaradas de fabrica, cujos direitos defende com ardor, inteligencia e lealissima dedicação. Num dia de greve, a força publica, confundindo-o com um fautor de desordem, quando ele apenas desejava impedir que os seus companheiros praticassem violencias, prostrou-o com uma bala. . . Augusto de Esaguy traçou como que um *scenario* ou argumento de *film*, limitando-se a fixar, no seu quadrinho, as linhas essenciaes da novela, cuja forma, sem embargo do proposito



Augusto d'Esaguy

to evidente de ser simples, acusa ainda algumas incertezas e frouxidões que, em futuros trabalhos, o talentoso escriptor por certo vencerá com galhardia.

**CATALOGO DO MUSEU NACIONAL
DOS COCHES**

O nosso Museu Nacional dos Coches é um dos primeiros, senão o primeiro da Europa. As preciosidades e raridades que encerra, em materia de imponentes, historicos, artisticos e sumptuosos coches, seges e berlindas, e de librés, fardamentos, atavios, arreios, etc., constituem o encanto e a admiração de portuguezes e estrangeiros.

O illustre professor Luciano Freire, que dirige competente e carinhosamente o Museu, acaba de publicar o respectivo *Catalogo descritivo e illustrado* cujo proemio, em prosa vernacula, nos refere com particular erudição tudo o que respeita ao importantis-



**AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS**

simo estabelecimento. Enriquecido com a planta do Museu e numerosas reproduções dos coches expostos, o *Catalogo*, primorosamente editado, representa um grande serviço e honra Luciano Freire. Oxalá que os outros museus sigam este belo exemplo e que possam também publicar, sem demora, catálogos

identicos, senão totaes, ao menos parciaes. A vulgarisação deles só teria vantagens á quem e além fronteiras.

VINHA VINDIMADA, por Norberto de Araujo

Norberto de Araujo é um literato que faz jornalismo ou um jornalista que faz literatura; em qualquer dos casos um homem de letras a quem sobejam as faculdades para empreendimentos de grande vulto quando se determinar a meter hombros a mais alguma coisa que a cronica do instante que passa ou o esboço de novela sentimental inspirada no *fait divers*. Mas Norberto de Araujo é, acima de tudo, um imaginativo e um delicado impressionista a cujos olhos escrutadores não falham os mais subtis aspectos de uma alma, de uma paisagem, que a sua pena, ao mesmo tempo facil, colorida, torrencial e brilhante, fixa num estilo muito dele, alheio a quaisquer influencias e que assinala uma autentica individualidade. Com o jornalista, o autor de *Vinha vindimada* tem o dom e a arte da improvisação. Assim, não escreve a frio, combinando palavras e frases em ar de paciente, engenhoso, erudito e belo mosaico. A prosa sae-lhe de um jacto cantante, policroma, nervosa, musculada, sincera, desprovida de todo o artificio e, por isso mesmo, atraente e sugestiva. Norberto de Araujo, romantico perdido no meio de uma sociedade utilitarista, apaixona-se por todos os temas que tocam o coração ou que, no fundo, encerram materia bastante para nos enternecer. As figuras humildes cativam-no particularmente. Os assuntos que para outros seriam vulgares conteem para ele motivos e pretextos para comovidas paginas. Basta enumerar alguns dos capitulos da *Vinha vindimada* e teremos mencionado as suas intenções e as suas caracteristicas: — «O elogio da cautela de três», «A mulher que eu vejo passar todos os dias», «Do vinho, da mulher e do livro», «A despedida de um triste soldado», «Conselhos a uma creança que dizia adeus», «Historia curta de uma Madalena», «Cronica da dôr ainda menina», etc., etc. A cronica de abertura, que tem o titulo do livro, ou lh'o dá, é dos melhores trechos de prosa até hoje firmados por Norberto de Araujo, a quem muito nos apraz saudar no momento deste seu novo triunfo. A edição, muito cuidada, pertence ás Livrarias Aillaud & Bertrand, sendo a capa do distinto aquarelista Alfredo Moraes.

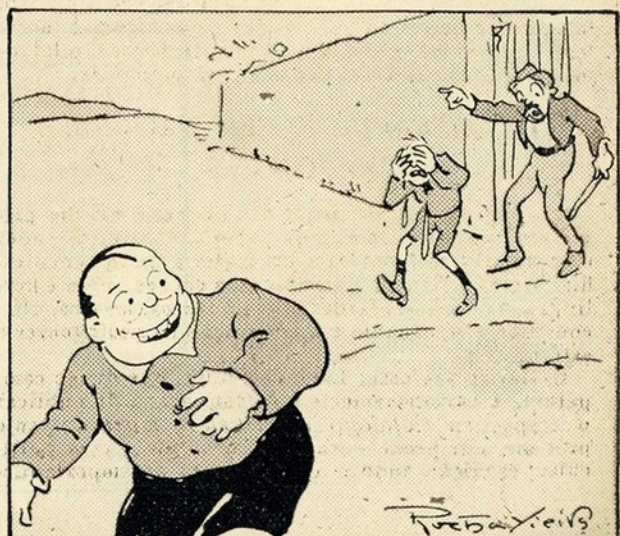
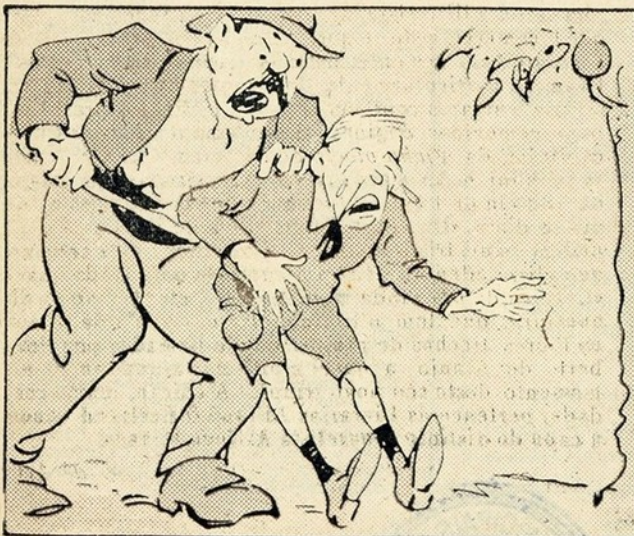
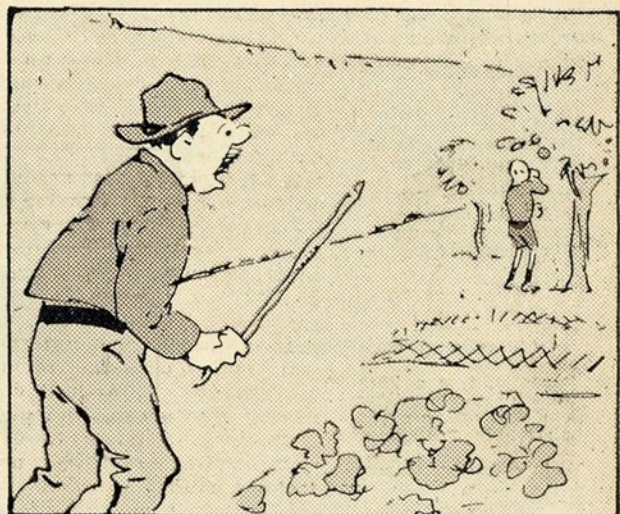
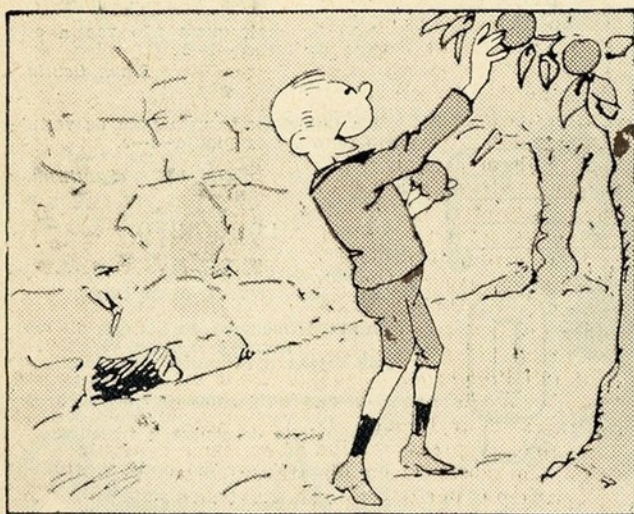
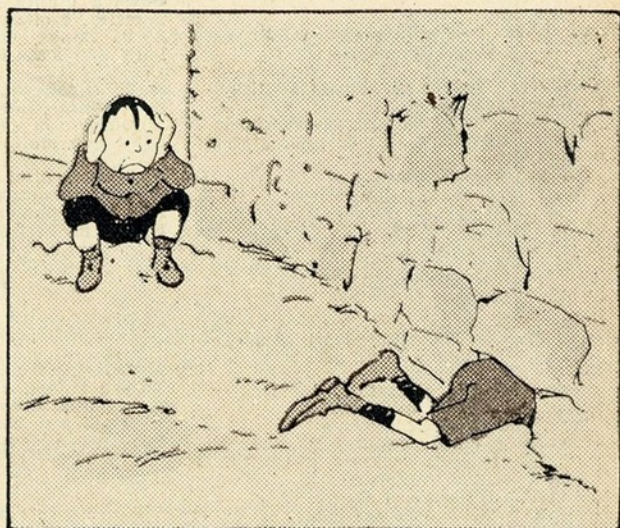
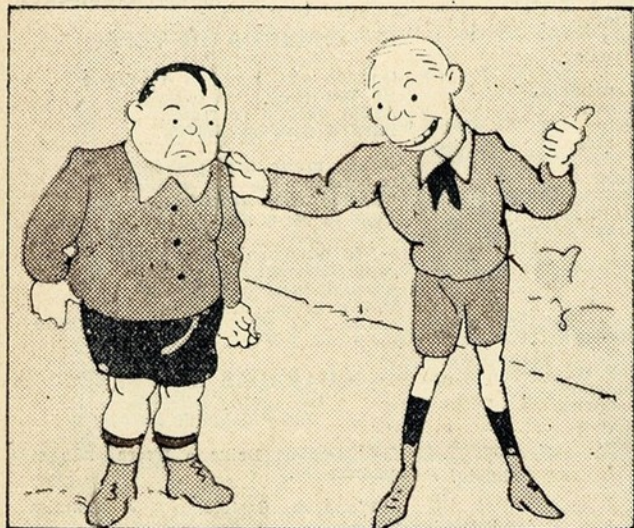


Norberto de Araujo

A. de A.



Conveniencia de ser Gordo...



ESFINGIA



Terceira, quarta e segunda
Com terceira e mais primeira
Signal que distingue as aves
De uma certa maneira.

Setima, oitava e segunda
Com primeira a terminar,
Ob-taculo bem custoso
P'ra um cavallo saltar.

Quem á quinta mais á quarta
Terceira, e oitava juntar
E' da minha geraçao
Para não mais os massar.

Junte a terceira á primeira
E á quinta junte oitava
Encontra sem cancela
Coisa que muito se lava.

Nada mais direi agora
E' facil a soluçao,
Pois como porem já disse
E' ave de arribaçao.

Rinholas.

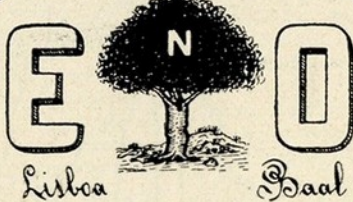
(Por silabas)

A primeira com terceira.
Todo o animal a contem;
E segunda após primeira,
E' tenda bem corriqueira
Por essa Africa além.

Porto

Feldirio.

ENIGMA PITORESCO



*

QUADRO DE HONRA

Tres Typos—Violeta—Dr. Essejê—Pam—Zé Kafuso—Sant' Ana—Sier e Avlis—Pinta scenas—Tia Aldina—Serot—Mestre escama—Castor & Polux—Tio Baldo—Seugirdor—Capitão Silva—Alvaro Ferreira & Julio Pires—Sorrab

Campeões decifradores
do penultimo numero

Decifrações aas produções public das no anterior numero

Enigmas: Todaliria—Alqueidão—Bismutho—Reinação.

Charadas em verso: Mendes—Trochoela.
Enigma pitoresco: Grande nau, grande tormenta.

Logogrifo: Barbalhoste.

*

ENIGMAS

(Ao dr. «Essejê», autor do enigma «Re-guião» do n.º 938)

Sete letrinhas sómente
Tenho a certeza que a'hais,
Pois que nelas igualmente
Temos as cinco vogaes.

Agora, vá, não confunda.
A prima e quinta a se'ir,
Depois sexta e mais segunda,
Vão um termo definir,

O qual termo assim formado
Ordemand o ditos elos,
Mostra no Douro, plantado
Um terreno com bacos.

Se tiver dificuldade,
Quarta, setima e terceira
Lhe darão comodidade,
Quer aqui, quer na Figueira...

Senhor Doutor Essejê,
Decifrador de macana,
Queira dizer-me qual é
Esta terra transmontana.

Porto

Zé Kafuso.

*

(Ao velho amigo «Santinhos»)

Vamos lá, toca a 'screver:
Um trilião, cem milhões
Com onze mil, até ver...
Labor nulo p'ra pimpões!

Verta os arabes sinaes
—Não todos, sómente uns tantos
Em romanos, mas eguaes
No valor, entende, ó Santos?

D'essa fraca operação
E ligando bem romanos
Com sinaes sem mutação,
Resulta o Xis, seus tiranos!...

O qual xis nos vem mostrar
—Entremos na confissão!—
Homem que a agir, a falar,
Faz rir uma multidão!

Porto

Dr. Essejê

*

Por nove letras formado
Sendo d'elas, quatro eguaes
Consoantes são só quatro
E as restantes vogaes.

Quatro silabas contem,
Esta palavra em questão
No nosso dicionario
E' ave de arribação.

Quem á quinta mais á sexta
Segunda e ultima puzer
Um inceto com certeza
Encontrará se quizer.

CHARADA EM VERSO

Quando está roubado o peso—2
Eu vou chamar a policia,
Assim disia o Zé Lopes,
Para a peixeira Felicia.

—Está muito bem pesado,
O peixinho que eu vendi—2
Não me fique arrenegado,
Veja lá se o ofendi!...

—Não quero saber de lerias
Aqui d'el-rei... seu ladrão!
Ensarihou-se o mercado,
Houve grossa discussão.

Catita.

*

CHARADAS EM FRASE

(Ao Fidalgo da Barca)

O' senhor! Deixe a freira, não seja
pateta!—1—2.

Viana do Castelo

Tamisa

*

Não faz mal, quem não vae a este
ponto de Lisboa—1—2.

Dama Oculta

*

Na China usa-se uma peça de vestua-
rio feito d'esta planta—1—2.

Sant'Ana.

*

LOGOGRIFO

(Soneto de Xavier Cordeiro, acerca da
sua serra, a «Gira Girão»)

«Junto ás margens do Liz que ali mur-
mura—5—2—14—6—2—11—13—7
Por veigas e campinas dilatado,—1—12
15—17—9—7.
E se espreguiça, manso e socegado—1—
16—10—8—2—17—4.
No seu leito de sonhos e frescura;

Na tranquila região onde aventura—3
—6—12—5—10.

Sorri ao coração atribulado
Onde o ar é subtil e perfumado—10—5
17—2—16—9—7—4.

E a terra uma alcatifa de verdura;

Reclinada na encosta viridente—12—18
—8—4—7—3—13—17—10.

Qual gentil rapariga descuidosa—18—7
—1—6—8—2—9—7—15.

Banhando os pés na limpdia corrente—
8—16—10—5—10.

Eis as Côrtes, a aldeia tão formosa,
Eis do poeta a patria tão vidente
A perola do Liz, a flor mimosa.

C. Sillel.

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações
das produções insertas n'este numero
—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
e endereçada a José Pedro do Carmo.
—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.



AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvicie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades
em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

= DOENTES =

Do estomago, rins, figado e intestinos.

atriticos, obesos e unjaticos, nervosos e mentais,

Por graves ou antigos que sejam os vossos padecimentos, responsabilizame da sua cura por meio dos meus especiais tratamentos NATUROPSICO-MAGNETOTERAPICOS.

DR. INDIVERI COLUCCI

RUA CIDADAO JOAO GONÇALVES, 20, 2.º, E.

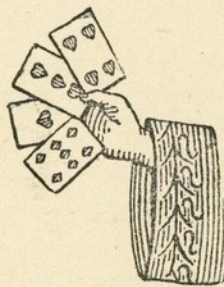
(AO INTENDENTE)

TELEFONE 2.788-N.

SENHORAS! USE SEMPRE O

"Maria Luiza"

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro. Consultas todos os dias u'els das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Envia r \$500 para resposta da carta

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua da Alegria, predio esquina).

Casa Adão

CHAS, CAFES, LIGORES,
CHAMPAGNES, VINHOS DO PORTO E DA MADEIRA DA ANTIGA CASA

FERREIRINHA DA REGOA
e de F. F. FERRAZ & C.ª L.ª

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Loja e armazem

—76, Rua dos Retrozeiros, 77 e 75-2.º—

Escritorio

Rua Augusta, 70, 3.º

Telefone 1566-C.

Lêr o proximo numero do SUPLEMENTO de

MODAS & BORDADOS

Bebam

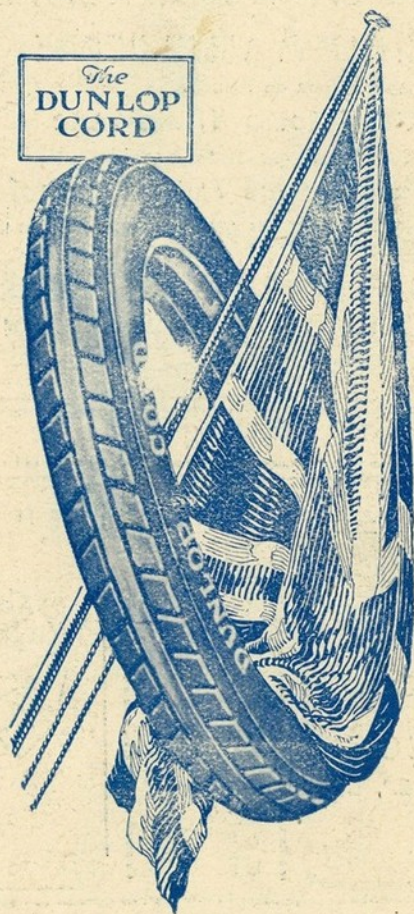
AGUA

DE

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

DUNLOP



Calce

DUNLOP

e ficará satisfeito